

Pequenos Poemas em Prosa
(Le Spleen De Paris)
Charles Baudelaire



A Arsène Houssaye

Meu caro amigo, estou-lhe enviando um pequeno trabalho que não se poderia dizer, sem injustiça, que não tenha pé nem cabeça, pois, ao contrário, tudo o que ele tem é, ao mesmo tempo, cabeça e pé, alternada e reciprocamente.

Considere, eu lhe peço, que admiráveis comodidades essa combinação nos oferece a todos, a você, a mim e ao leitor. Nós podemos interromper onde quisermos, eu os meus devaneios, você o manuscrito e o leitor sua leitura; porque eu não impeço a vontade contestadora de cada um no curso interminável de uma intriga superfina. Tire uma vértebra da coluna e as duas porções dessa fantasia tortuosa se reunirão sem dificuldade. Parta-a em numerosos fragmentos e você verá que cada um pode existir isoladamente. Na esperança de que alguns desses pedaços serão os mais vivos para agradá-lo ou distraí-lo, eu ousou dedicar-lhe a serpente inteira.

Tenho uma pequena confissão a fazer. É que folheando pela vigésima vez ao menos o "Gaspar da Noite" de Aloysius Bertrand (um livro conhecido de você, de mim e de alguns de nossos amigos, não tem todos os direitos de ser chamado de famoso?) que me veio a idéia de tentar qualquer coisa análoga e aplicar à descrição da vida moderna, ou melhor, de uma vida moderna mais abstracta, o processo que ele aplicou à pintura da vida antiga, tão estranhamente pitoresca.

Qual de nós que, em seus dias de ambição, não sonhou o milagre de uma prosa poética, musical, sem ritmo e sem rimas, tão macia e maleável para se adaptar aos movimentos líricos da alma, às ondulações do devaneio, aos sobressaltos da consciência.

É, sobretudo, da frequência das enormes cidade e do crescimento de suas inumeráveis relações que nasce esse ideal obsessivo. Você mesmo, meu caro amigo, não tentou traduzir em uma canção o grito estridente do Vidraceiro e exprimir em uma prosa lírica todas as sugestões desoladas que esse grito envia às mansardas, através das mais altas brumas das ruas?

Mas, para dizer a verdade, eu temo que meu ciúme não me tenha trazido felicidade. Logo no começo do trabalho, eu me apercebi que não somente eu ficava bem longe de meu misterioso e brilhante modelo, mas também que fazia alguma coisa (se isso pode ser chamada de alguma coisa) de singularmente diferente, acidente de que qualquer outro se orgulharia, sem dúvida, mas que não pode senão humilhar profundamente um espírito que olha como a maior honra do poeta realizar exatamente o que projetou fazer.

Seu muito afeiçoado,

C. B.

I

O ESTRANGEIRO

— A quem mais amas tu, homem enigmático, digei: teu pai, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?

— Eu não tenho pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.

— Teus amigos?

— Você se serve de uma palavra cujo sentido me é, até hoje, desconhecido.

— Tua pátria?

— Ignoro em qual latitude ela esteja situada.

— A beleza?

— Eu a amaria de bom grado, deusa e imortal.

— O ouro?

— Eu o detesto como vocês detestam Deus.

— Quem é então que tu amas, extraordinário estrangeiro?

— Eu amo as nuvens.., as nuvens que passam lá longe... as maravilhosas nuvens!

O DESESPERO DA VELHINHA

A velhinha recurvada alegrou-se ao ver no berço a criancinha a quem todos festejavam e agradavam; esse lindo ser tão frágil quanto ela e como ela, também, sem dentes e sem cabelos.

Aproximou-se do bebê querendo fazer graças com risinhos e caretas agradáveis.

Mas a criança, espantada, debateu-se sob os carinhos da boa senhora decrépita e encheu a casa com seus gritos agudos.

Então a boa velhinha retirou-se a sua solidão eterna e chorou num canto dizendo para si: “Ah! Para nós, infelizes mulheres velhas, a idade impede de transmitir alegria mesmo aos inocentes; nós causamos horror às criancinhas a quem nós queremos mostrar amor.”

CONFITEOR DO ARTISTA

Ah! Como os fins dos dias de outono são penetrantes! Penetrantes até doer! Porque há certas sensações deliciosas cujas imprecisões não excluem a intensidade; não há ponta mais aguda do que a do infinito.

Grande delícia que é a de afogar sua vista na imensidão do céu e do mar! Solidão, silêncio, a incomparável castidade do azul! Uma pequena vela tremulante que, por sua pequenez e seu isolamento, imita a minha irremediável existência; melodia monótona das vagas, todas essas coisas pensam por mim ou eu penso por elas (pois na grandeza dos devaneios, meu eu se perde rapidamente!); elas pensam, digo eu, mas musicalmente e pitorescamente sem perspicácias, sem silogismos, sem deduções.

Todavia, tais pensamentos que saem de mim ou se projetam das coisas cedo tornam-se intensos demais. A energia na volúpia cria um mal-estar e um sofrimento positivo. Meus nervos tensos demais só dão vibrações gritantes e dolorosas.

E agora a profundidade do céu me consterna; sua limpidez me exaspera. A insensibilidade do mar, a imutabilidade do espetáculo me revoltam... Ah! Será preciso sofrer ou fugir eternamente do belo? Natureza, feiticeira impiedosa rival sempre vitoriosa, deixe-me! Pare de tentar os meus desejos e meu orgulho! O estudo do belo é um duelo em que o artista grita de medo antes de ser vencido.

O ENGRAÇADINHO

Era a explosão do Ano-Novo: caos de lama e neve, atravessado por mil carros rebrilhando de tantos brinquedos e bombons, fervilhando de cupidez e desesperos, delírio oficial de uma grande cidade feita para embaralhar o cérebro solitário do mais sério dos homens.

No meio daquela confusão e barulheira, um asno, trotando velozmente, era fustigado por um rude carroceiro munido de um chicote.

Quando o asno ia virar a esquina da calçada, um belo senhor, enluvado, envernizado, cruelmente engravatado e aprisionado em suas roupas novas, inclinou-se cerimoniosamente diante do humilde animal e lhe disse, tirando o chapéu: “Eu vos desejo um bom e feliz Ano-Novo!” Depois voltou para junto de seus camaradas com certo ar de fatuidade como se lhes pedisse para acrescentar a sua aprovação ao seu contentamento.

O asno não viu esse belo engraçadinho e continuou a correr, com cuidado, para onde chamava o seu dever.

Quanto a mim, fui tomado subitamente de uma incomensurável raiva contra aquele magnífico imbecil que me pareceu concentrar nele todo o espírito da França.

O QUARTO DUPLO

Um quarto que parece um devaneio, um quarto verdadeiramente espiritual onde a atmosfera estagnante é ligeiramente tingida de rosa e azul.

A alma toma um banho de preguiça, aromatizada pelos pesares e o desejo. É algo de crepuscular, de azulado e de rosado; um sonho de volúpia durante um eclipse.

Os móveis têm as formas alongadas, prostradas, lânguidas. Os móveis têm o ar de que sonham; diríamos dotados de uma vida sonambúlica como um vegetal ou um mineral. Os tecidos falam uma língua muda como as flores, como os céus, como os sóis poentes.

Nas paredes nenhuma abominação artística. Relativamente ao puro sonho, à impressão não analisada, a arte definida, a arte positiva é uma blasfêmia. Aqui tudo tem suficiente clareza e a deliciosa obscuridade da harmonia.

Um aroma infinitesimal da mais original escolha, ao qual se mistura uma levíssima umidade, flutua nessa atmosfera, onde o espírito sonolento é embalado por uma sensação de estufas aquecidas.

A musselina chora abundantemente diante das janelas e diante do leito; ela se derrama em cascatas de neve. Sobre esse leito está deitado o ídolo, a soberana dos sonhos. Mas como ela está aqui? Quem a trouxe? Que poder mágico instalou-se nesse trono de devaneios e volúpia? Que importa! Ei-la! Eu a reconheço.

São esses olhos cuja flama atravessa o crepúsculo; esses sutis e terríveis olhares que eu reconheço em sua assustadora malícia! Eles atraem, eles subjugam, eles devoram o olhar do imprudente que os contempla. Já estudei muitas vezes essas estrelas negras que comandam a curiosidade e a admiração.

Por qual demônio benevolente devo eu ter sido envolvido assim de mistério, de silêncio, de paz e de perfumes? Ó beatitude! Isso que nós chamamos geralmente de vida, mesmo em sua expansão mais feliz, nada tem de comum com essa vida suprema que, agora, eu conheço e saboreio minuto a minuto, segundo a segundo.

Não! Não há mais minutos, não há mais segundos! O tempo desapareceu; é a Eternidade que reina, uma eternidade de delícias.

Mas uma pancada terrível, fortíssima, ressoou na porta e, como nos sonhos infernais, pareceu-me que recebia um golpe de uma enxada no estômago.

E depois um Espectro entrou. É um oficial de justiça que vem me torturar, em nome da lei; uma infame concubina que vem exhibir sua miséria e juntar as trivialidades de sua vida às dores da minha; ou então um jovem secretário de diretor de jornal que vem reclamar a entrega de um manuscrito.

O quarto paradisíaco, o ídolo, a soberana dos sonhos, a Sílfide, como dizia o grande René, toda aquela magia desapareceu com o golpe disparado pelo Espectro.

Horror! Eu me lembro! Eu me lembro! Sim! Este chiqueiro, este ambiente de eterno desgosto está bem dentro de mim. Vejam os móveis burros, empoeirados, capengas, a lareira sem chamas e sem brasas, suja de escarros, as tristes janelas onde a chuva traçou seus sulcos na poeira; os manuscritos rasurados ou incompletos; o almanaque onde o lápis marcou as datas sinistras!

E esse perfume de um outro mundo, com o qual eu me embriagava com uma sensibilidade aperfeiçoada, ei-lo substituído por fétido odor de tabaco misturado a um mofo nauseabundo. Respira-se aqui, agora, o ranço da desolação.

Nesse mundo estreito, mas tão repleto de desgostos, um único objeto conhecido me sorri: a garrafinha de láudano; uma velha e terrível amiga, como todas as outras. Oh! fecundas em carinho e traições.

Oh! Sim, o Tempo reapareceu, o Tempo reina soberano agora; e com o horroroso velho voltou todo o demoníaco cortejo de Lembranças, de Arrependimentos, de Espasmos, de Medos, de Angústias, de Pesadelos, de Cóleras e de Neuroses.

Eu vos asseguro que os segundos agora são fortemente e solenemente acentuados e cada um saltando do pêndulo diz:

“Eu sou a Vida, a insuportável, a implacável Vida.”

Só há um Segundo na vida humana com a missão de anunciar uma boa nova, a boa nova que causa em cada um de nós um medo inexplicável.

Sim! O Tempo reina, ele retomou sua brutal ditadura. Ele me empurra, como se eu fosse um boi, com seu duplo aguilhão. “Eia Vamos, então, burrico! Sua então, escravo! vive, então, condenado!

CADA UM COM SUA QUIMERA

Sob um grande céu cinzento, uma grande planície empoeirada, sem trilhas, sem gramado, sem um cacto, sem uma urtiga, encontrei alguns homens que caminhavam curvados.

Cada um deles levava às costas uma enorme Quimera, tão pesada quanto um saco de farinha ou de carvão ou os apetrechos de um soldado romano.

Mas a monstruosa besta não era um peso inerte, ao contrário, ela envolvia e oprimia o homem com seus músculos elásticos e potentes; ela agarrava-se ao peito de sua montaria, com suas duas vastas garras e a cabeça fabulosa sobrepunha-se à frente do homem, como um desses capacetes horríveis com os quais os antigos guerreiros esperavam aumentar o terror dos inimigos.

Questionei um desses homens e perguntei-lhe para onde iam assim, Ele me respondeu que de nada sabia, nem ele nem os outros; mas que, evidentemente, iriam a algum lugar, pois eram impulsionados por uma invencível vontade de andar.

Coisa curiosa de se anotar: nenhum desses viajantes tinha um ar irritado contra a besta feroz pendurada em seu pescoço e colada às suas costas. Dir-se—ia que as consideravam como fazendo parte deles mesmos. Todas essas faces fatigadas e sérias não testemunhavam qualquer desespero; sob a cúpula ente- diante do céu, os pés afundados na poeira de um chão também tão desolado quanto este céu, eles caminhavam com a fisionomia resignada dos que são condenados a esperar sempre.

E o cortejo passou a meu lado e se afundou na atmosfera do horizonte, no local onde a superfície arredondada do planeta se furta à curiosidade do olhar humano.

E durante alguns instantes eu me obstinava em querer compreender este mistério, mas logo uma irresistível indiferença se abateu sobre mim e eu fiquei mais pesadamente oprimido do que eles próprios por suas esmagadoras Quimeras.

O BOBO DA CORTE E A VÊNUS

Que dia admirável! O vasto parque se desvanece sob o olhar brilhante do sol, como a juventude sob o domínio do Amor.

O êxtase universal das coisas não se exprime por qualquer ruído; até as próprias águas estão coma que adormecidas. Bem diferentes das festas humanas, aqui há uma orgia silenciosa.

Dir-se-ia que uma luz sempre crescente faz cada vez mais cintilar os objetos; que as flores excitadas incendeiam-se do desejo de se rivalizarem com o azul do céu, pela energia de suas cores e que o calor tornando visíveis os perfumes os faz subir ao astro como fumaças.

Entretanto, nessa alegria universal, percebo um ser aflito.

Aos pés de uma Vênus colossal, um desses loucos artificiais, um desses bufões voluntários, encarregados de fazerem rir os reis quando o Remorso ou a Tédio os obcecaram, fantasiado com um costume brilhante e ridículo, trazendo urna cabeleira de chifres e guizos, encolhido contra a pedestal, eleva seus olhos lacrimejantes para a Deusa imortal.

E seus olhos dizem: “Eu sou o último e o mais solitário dos homens, privado de amor, de amizade e bem inferior nisso ao mais imperfeito dos animais. Entretanto, sou feito, eu também, para compreender e sentir a imortal Beleza. Ah! Deusa! tenha piedade de minha tristeza e de meu delírio!”

Mas a implacável Vênus olha ao longe para não sei quê, com seus olhos de mármore.

VIII

O CÃO E O FRASCO

“Meu bom cão, meu cachorrinho, querido Totó, chegue- se e venha respirar um excelente perfume comprado no melhor perfumista da cidade.”

E o cão, agitando a cauda, o que é, creio eu, nesses pobres seres, o sinal correspondente a um sorriso ou riso, aproximou-se e pousou curiosamente seu focinho úmido sobre o frasco destampado; em seguida, recuando subitamente, com medo, latiu contra mim como se me reprovasse.

“Ah! miserável cão, se eu tivesse lhe oferecido um pacote de excrementos, você o teria farejado com prazer e talvez até devorado. Assim você mesmo, indigno companheiro de minha triste vida, você se parece com o público a quem não se pode jamais presentear com perfumes delicados que o exasperam mas com sujeiras cuidadosamente escolhidas.”

O MAU VIDRACEIRO

Há certas naturezas puramente contemplativas e de todo impróprias à ação, que, entretanto, sob um impulso misterioso e desconhecido, agem às vezes com uma rapidez da qual não acreditavam que fossem capazes.

Tal como alguém que, temendo encontrar com seu porteiro uma novidade triste, perambula, covardemente, diante da porta sem ousar entrar, ou, então, que conserva por quinze dias uma carta sem abrir, ou o que só se resigna, após seis meses, a tomar uma decisão que já era necessária há um ano, se sente, bruscamente, precipitado a agir por uma força irresistível como a flecha em um arco distendido. O moralista e o médico, que pretendem saber tudo, não podem explicar de onde vem tão subitamente uma tão louca energia a essas almas preguiçosas e voluptuosas e, como incapazes de realizar as coisas mais simples e as mais necessárias, acham em certo minuto uma luxuosa coragem para executar os atos mais absurdos e, freqüentemente, mais perigosos.

Um de meus amigos, o mais impulsivo sonhador que já existiu, pôs uma vez fogo em uma floresta para ver, dizia ele, se a fogo alastrava-se tão facilmente coma se afirma geralmente. Dez vezes seguidas a experiência falhou, mas, na décima primeira, resultou um sucesso.

Um outro acendeu um charuto ao lado de um barril de pólvora, “para ver, para saber, para tentar o destino, para se constranger a fazer prova de energia, para bancar a jogador, para conhecer os prazeres da ansiedade, por nada, por capricho, por ociosidade”.

É uma espécie de energia que salta do tédio e do devaneio; e aqueles que têm tais manifestações são, em geral, como eu disse, os mais indolentes e os mais sonhadores dos seres.

Um outro tímido, desses que baixam os olhos diante do olhar dos outros homens, a tal ponto que precisa reunir toda a força de sua pobre vontade para entrar num café ou passar na frente do guichê de um teatro onde os controladores lhe parecem investidos da majestade de Minas, de Éaco e de Radamante, saltará, bruscamente, ao pescoço de um velho que passa a seu lado e o beijará com entusiasmo diante da multidão atônita.

Por quê? Porque... essa fisionomia era-lhe irresistivelmente simpática? Talvez; porém é mais legítimo supor que ele mesmo não saiba por quê.

Eu fui mais de uma vez vítima dessas crises e desses surtos que nos autorizam a crer que demônios maliciosos deslizam em nós e nos fazem executar, sem nosso conhecimento, suas mais absurdas vontades.

Uma manhã levantei-me aborrecido, triste, fatigado de ociosidade, preguiçoso e disposto, parecia-me, a fazer qualquer coisa de grande, uma ação de brilho... e, então, abri a janela!

(Observem, peço-lhes, que o espírito de mistificação que, em algumas pessoas, não é o resultado de um trabalho, de uma combinação, mas de uma inspiração fortuita, participa muito, quanto mais não seja pelo ardor do desejo, desse humor, histérico segundo os médicos, satânico segundo aqueles que pensam um pouco melhor que os médicos, que nos impele, sem resistência, para uma porção de ações perigosas ou inconvenientes.)

A primeira pessoa que percebi na rua foi um vidraceiro, cujo grito agudo, desafinado, subia até mim, atravessando a atmosfera parisiense, pesada e suja. Ser-me-ia, além disso, impossível dizer por que eu tive a atenção chamada para esse pobre homem. Tomei-me de uma raiva tão súbita quanto despótica.

“Hei! Hei!”, gritei, para que subisse. Enquanto eu refletia, não sem alguma alegria, que o quarto ficando no sexto andar e sendo a escada muito estreita, o homem teria algum trabalho na sua ascensão e, certamente, engataria em alguns lugares sua frágil mercadoria.

Enfim ele apareceu e eu lhe disse: “Como, o senhor não tem vidro de cores? Vidros rosas, vermelhos, azuis, vidros mágicos, vidros do paraíso? Impudente é o que o senhor é! E o senhor ousa passear por bairros pobres e não tem nem mesmo vidros que façam ver que a vida é bela!” E eu o empurrei em direção à escada, na qual ele tropeçou, resmungando.

Aproximei-me do balcão e tomei um pequeno vaso de flores, e quando o homem reapareceu ao abrir a porta eu deixei cair, perpendicularmente, meu engenho de guerra sobre o rebordo posterior de seus ganchos, e, como o choque o derrubou, ele acabou de quebrar sob seu dorso toda a sua pobre fortuna ambulatória que resultou na fragorosa barulheira de um palácio de cristal destruído por um raio.

E, ébrio de minha loucura, gritei para ele, furiosamente: “A vida é bela! A vida é bela!”

Essas brincadeiras nervosas não são sem perigo e pode-se, às vezes, pagá-las caro. Mas o que importa a eternidade da danação a quem achou em um segundo o infinito da alegria.

À UMA HORA DA MANHÃ

Enfim, só! Ouve-se apenas o rolar das rodas dos fiacres atrasados e alquebrados. Durante algumas horas nós possuiremos o silêncio, senão o repouso. Enfim a tirania da face humana desapareceu e só sofrerei por mim mesmo.

Enfim! É-me permitido, então, relaxar no banho das trevas. De saída, uma dupla volta na chave aumentará minha solidão e fortificará as barricadas que me separam atualmente do mundo.

Horrível vida! Horrível cidade! Recapitulemos o dia de hoje: ter visto muitos homens de letras, um dos quais me perguntou se se podia ir à Rússia por via terrestre (ele tomava, sem dúvida, a Rússia por uma ilha); ter discutido generosamente, com o diretor de uma revista que a cada objeção respondia: “Aqui é o partido das pessoas honestas”, o que implica que todas as outras publicações são redigidas por patifes; ter saudado umas vinte pessoas, das quais quinze desconhecidas; ter distribuído cumprimentos manuais na mesma proporção e isso sem ter tomado a precaução de comprar luvas; ter subido, para matar o tempo durante uma pancada de chuva, à casa de uma ginasta especialista em saltos, que me pediu que desenhasse um costume de Venustre; ter cortejado um diretor de teatro que me disse despedindo-se de mim: “Você faria melhor se se dirigisse a Z..., é o mais pesado, o mais tolo e mais célebre de todos os meus autores; com ele talvez você pudesse chegar a alguma coisa. Fale com ele, depois nos veremos”; ter me vangloriado (por quê?) de várias ações vis que jamais cometi e ter negado covardemente alguns outros malfeitos que eu cometera com prazer, delito de fanfarronadas, crimes de respeito humano; ter recusado a um amigo um serviço fácil e dado uma recomendação por escrito a um perfeito idiota; ufa! E será que isso acabou?

Descontente de todos os meus descontentamentos e de mim mesmo, gostaria de me recuperar e me orgulhar um pouco no silêncio e na solidão da noite. Almas daqueles que amei, almas daqueles que exaltei, fortificai-me, sustentai-me, afastai de mim a mentira e os vapores corruptores do mundo; e Vós, Senhor meu Deus! acordai em mim a graça de produzir alguns belos versos que provem a mim mesmo que eu não sou o último dos homens, que eu não sou inferior àqueles a quem desprezo.

A MULHER SELVAGEM E A PEQUENA AMANTE

“Francamente, minha querida, você me cansa sem limites e sem piedade; dir-se-ia que, ao ouvi-la suspirar, você sofre mais do que as colhedoras sexagenárias ou as velhas mendigas que juntam as crostas de pão na porta dos cabarés.

“Se, pelo menos, seus suspiros exprimissem remorsos, eles lhe fariam alguma honra; mas eles só traduzem a saciedade do bem-estar e a indolência do repouso. E, depois, você não cessa de repetir-se em palavras inúteis: ‘Ame-me muito! Preciso tanto. Console-me aqui e acarinhe-me ali. Escute, eu quero tentar curá-la, nós acharemos, talvez, um modo por dois tostões, no meio de uma festa e sem ir muito longe.

“Consideremos, eu lhe peço, esta sólida jaula de ferro atrás da qual se agita, gritando como um louco, segurando as barras como um orangotango exasperado pelo exílio, imitando, com perfeição, ora os saltos circulares de um tigre ora os bamboleos estúpidos de um urso branco, esse monstro peludo cujas formas imitam vagamente as suas.

“Esse monstro é um desses animais a que chamamos geralmente de ‘Meu anjo’, isto é, uma mulher. O outro monstro, o que grita ensurdecedoramente, com um porrete na mão, é um marido. Ele prendeu a mulher legítima como uma fera e a exhibe nos subúrbios nos dias de feira, com permissão dos magistrados, é óbvio.

“Atente bem! Veja com que voracidade (talvez não simulada) ela dilacera os coelhos vivos e as galinhas pipiladoras que lhe joga seu domador. ‘Vamos, não precisa comer todo o seu patrimônio num único dia’, e, com estas sábias palavras, arranca-lhe, cruelmente, a presa cujos intestinos desenrolados ficam pendurados nos dentes da besta feroz, da mulher, quero dizer.

“Vamos! Agora umas boas porretadas para acalmar! Pois ela fixa os terríveis olhos cobiçosos sobre a comida retirada. Grande Deus! O porrete não é um pau de comédia, você não ouviu o som das pancadas na carne, apesar dos pêlos postiços? Também, agora, os olhos saltam fora das órbitas, ela urra mais naturalmente. Em seu ódio, ela cintila toda por inteiro, como o ferro batido.

“Tais são os costumes conjugais desses dois descendentes de Adão e Eva, obras de suas mãos, ó Deus! Essa mulher é incontestavelmente infeliz, embora, depois de tudo, os prazeres tiritantes da glória não lhe sejam desconhecidos. Existem infelicidades mais irremediáveis e sem compensação. Mas no mundo onde ela foi jogada jamais pôde crer que a mulher merecesse outro destino,

“Agora, nós dois, cara preciosa! Ao ver os infernos que povoam o mundo, o que você quer que eu pense de seu inferno bonitinho, você que não repousa senão sobre tão macias almofadas quanto a sua pele, você que só come carne cozida e para quem uma criada hábil cuida de trincar os pedaços?”

“O que podem significar para mim todos esses pequenos suspiros que enchem seu peito perfumado, robusta coquete? E todas estas afetações aprendidas nos livros e essa infatigável melancolia, feitas para inspirar no espectador nenhum outro sentimento que não seja o de piedade? Em verdade, às vezes tenho vontade de lhe ensinar o que é a verdadeira infelicidade.”

“Ao vê-la assim, minha bela delicada, com os pés na lama e os olhos voltados para o céu, como a lhe pedir um rei, dir-se-ia que se tratava de uma jovem rã que invocaria um ideal. Se você despreza o pequeno suporte (o que eu sou no momento, como você bem sabe) cuide do grou que a devorará, engolirá e a matará quando quiser.

“Mesmo sendo eu poeta, não sou um tolo, como você crê, e se você me cansar sempre e muito com suas preciosas choradeiras, eu a tratarei como mulher selvagem, ou a jogarei pela janela como uma garrafa vazia.”

AS MULTIDÕES

Não é dado a todo o mundo tomar um banho de multidão: gozar da presença das massas populares é uma arte. E somente ele pode fazer, às expensas do gênero humano, uma festa de vitalidade, a quem urna fada insuflou em seu berço o gosto da fantasia e da máscara, o ódio ao domicílio e a paixão por viagens.

Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis pelo poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão também não sabe estar só no meio de uma multidão ocupadíssima.

O poeta goza desse incomparável privilégio que é o de ser ele mesmo e um outro. Como essas almas errantes que procuram um corpo, ele entra, quando quer, no personagem de qualquer um. Só para ele tudo está vago; e se certos lugares lhe parecem fechados é que, a seu ver, não valem a pena ser visitados.

O passeador solitário e pensativo goza de uma singular embriaguez desta comunhão universal. Aquele que desposa a massa conhece os prazeres febris dos quais serão eternamente privados o egoísta, fechado como um cofre, e o preguiçoso. ensimesmado como um molusco. Ele adota como suas todas as profissões, todas as alegrias, todas as misérias que as circunstâncias lhe apresentem.

Isto que os homens denominam amor é bem pequeno, bem restrito, bem frágil comparado a esta inefável orgia, a esta solta prostituição da alma que se dá inteiramente, poesia e caridade, ao imprevisto que se apresenta, ao desconhecido que passa.

É bom ensinar, às vezes, aos felizes deste mundo, pelo menos para humilhar um instante o seu orgulho, que existem bondades superiores às deles, maiores e mais refinadas. Os fundadores de colônias, os pastores de povos, os sacerdotes missionários exilados no fim do mundo conhecem, sem dúvida, alguma coisa dessas misteriosas bebedeiras; e, no seio da vasta família que seu gênio criou, eles devem rir, algumas vezes, dos que se queixam de suas fortunas tão agitadas e de suas vidas tão castas.

AS VIÚVAS

Vauvenargues disse que nos jardins públicos existem aléias freqüentadas, principalmente, pela ambição frustrada, pelos inventores infelizes, pelas glórias abortadas, pelos corações partidos, por rodas as almas tumultuadas e fechadas nas quais ressoam ainda os últimos suspiros de uma tempestade e que recuam para longe do olhar insolente dos felizes e ociosos. Esses recantos sombrios são o ponto de encontro dos estropiados da vida.

É a esses lugares que o poeta e o filósofo gostam de dirigir suas ávidas conjecturas. Há lá um alimento garantido. Se há um lugar que eles desdenham visitar, como insinuei há pouco, é, sobretudo, a alegria dos ricos. Essa turbulência no vazio não tem nada que os atraia. Ao contrário, eles se sentem, irresistivelmente, impelidos para tudo que seja frágil, arruinado, entristecido, órfão.

Um olho experiente não se engana jamais. Em seus traços rígidos ou abatidos, nesses olhos escavados e temos ou brilhantes, fruto dos últimos relâmpagos da luta, nas rugas profundas e numerosas, em suas marchas lentas ou tão freqüentemente tropeçadas, ele decifra logo as inumeráveis lendas de amor enganado, do devotamento desconhecido, dos esforços não recompensados, da fome e do frio, humildemente, silenciosamente suportados.

Alguma vez você já observou as viúvas nesses bancos solitários — as viúvas pobres? Estejam elas de luto ou não, é fácil reconhecê-las. Aliás, há sempre no luto do pobre algo que falta, uma ausência de harmonia que o faz mais desolador. Ele é constrangido a poupar a mostra de sua dor. O rico mostra a sua integralmente.

Qual é a viúva mais triste e mais entristecedora: a que traz um menino pela mão com quem não pode repartir seus devaneios ou a que está totalmente só? Não sei... Aconteceu-me, certa vez, seguir durante longas horas uma velhinha aflita, dessa espécie; era rija, desempenada sob um ralezinho usado, levava em todo o seu ser um orgulho estóico.

Ela estava, evidentemente, condenada, por uma absoluta solidão, aos hábitos de um velho celibatário. E ao caráter masculino de seus costumes juntava-se um picante toque misterioso à sua austeridade. Não sei em que miserável café e de que modo ela almoçara. Eu a segui até o gabinete de leitura, e fiquei espiando, longamente, enquanto ela procurava nos jornais, com os olhos ávidos, antes queimados pelas lágrimas, as novas notícias com interesse possante e pessoal.

Enfim, no começo da tarde — sob um céu charmoso de outono, um desses céus de onde descem, em massa, os arrependimentos e as lembranças —, ela se sentou, à parte, em um jardim para ouvir, longe da multidão, um desses concertos com os quais a música dos regimentos gratifica o povo parisiense.

É, sem dúvida, a pequena orgia dessa velhinha inocente (ou esta velha purificada), o consolo merecido de uma dessas pesadas jornadas sem amigos, sem conversas, sem alegria, sem confidentes, que Deus deixa cair sobre ela, depois de, talvez, muitos anos! Trezentas e sessenta e cinco vezes por ano.

Uma outra ainda:

No pude jamais me impedir de dar uma olhada, se não universalmente simpática mas, ao menos, curiosa, sobre a multidão de párias que se comprime em torno do círculo de um concerto público. A orquestra lança pela noite os cantos de festa, de triunfo ou de volúpia. As roupas exibem-se brilhantes, os olhares se cruzam; os ociosos, fatigados por nada terem feito, rebolam-se fingindo estar saboreando, indolentemente, a música. Aqui nada mais há que ricos, felizes, nada que não respire e inspire desocupação e o prazer de se deixar viver; nada exceto o aspecto dessa turba que se apóia lá, sobre a cerca exterior, recebendo, de graça, ao sabor do vento, um farrapo da música e olhando sua cintilante fornalha interior.

E sempre uma coisa interessante que se reflete na alegria dos ricos, no fundo do olho do pobre. Mas nesse dia, no meio desse povo vestido de blusas e camisas coloridas, percebi um ser cuja nobreza contrastava gritantemente com toda a trivialidade do ambiente.

Era uma mulher grande, majestosa e de ar tão nobre que não me lembro ter visto igual nem mesmo nas coleções de belezas aristocráticas do passado. Um perfume sublime emanava de toda a sua pessoa. Seu rosto triste e emagrecido estava em perfeita sintonia com o pesado luto que ela usava. Ela, também, como a plebe, com que estava misturada e à qual não percebia, olhava o mundo luminoso com um olhar profundo e ouvia, balanceando levemente a cabeça.

Visão singular! “Com certeza,” dizia-me eu, “esse tipo de pobreza, se é que há pobreza, não pode admitir uma economia sórdida; um semblante tão nobre me garante. Por que então permanece, voluntariamente, em um ambiente onde ela constitui uma mancha tão gritante?”

Mas ao passar com curiosidade por perto dela acreditei ter adivinhado a razão. A grande viúva levava pela mão uma criança vestida de preto, como ela; por mais módico que fosse o preço da entrada, era suficiente para satisfazer os desejos do pequeno ser, melhor ainda, comprar algo supérfluo, um brinquedo.

E ela se retirou a pé, meditando e sonhando; sozinha, sempre sozinha; porque a criança é turbulenta, egoísta, sem doçura, sem paciência e não pode mesmo, como um puro animal, como um cão ou um gato, servir de confidente às dores solitárias.

O VELHO SALTIMBANCO

Por todos os lados exhibia-se, espalhava-se, divertia-se o povo em férias. Era uma dessas solenidades pelas quais, durante longo tempo, esperam os saltimbancos, os mágicos, os domadores de animais e os vendedores ambulantes, para compensar os maus momentos do ano.

Nesses dias parece que o povo esquece de tudo, a dor e o trabalho; fica igual a criança. Para os pequenos é um dia feriado, é o horror escolar adiado por vinte e quatro horas. Para os adultos é o armistício concluído pelos poderes malignos da vida, um descanso da contenção e da luta universal.

O próprio homem de sociedade e o homem ocupado com trabalhos intelectuais escapam dificilmente da influência desse júbilo popular. Eles absorvem, sem querer, sua parte dessa atmosfera despreocupada. Para mim, não deixo jamais, velho parisiense que sou, de passar em revista as barracas que se empavonam todas nessas épocas solenes.

Elas se faziam entre si, em verdade, uma formidável concorrência: pipilavam, berravam, uivavam. Era uma mistura de gritos, detonações de trombetas, explosões de foguetes. Os fantasiados com rabos vermelhos e os bobos contraíam as rugas de suas faces acobreadas, curtidas pelo vento, pela chuva e pelo sol; eles lançavam, com a postura de comediantes seguros de seus desempenhos, belas palavras e gracejos, dignos de um cômico sólido e de peso como os de Molière. Os hérules, certos da enormidade de seus membros, sem testas e sem crânio como os orangotangos, descansavam majestosamente com suas malhas justas lavadas, na véspera, para a ocasião. As dançarinas, belas como fadas ou princesas, saltavam e faziam cabriolas sob o fogo das lanternas que enchiam seus saíotes de faíscas brilhantes.

Tudo era luz, poeira, grito, alegria, tumulto; uns gastavam, outros ganhavam — uns e outros, igualmente, felizes. As crianças penduravam-se nas saias de suas mães para obter um torrão de açúcar ou subiam nos ombros de seus pais para melhor ver um mágico deslumbrante como um deus. E por toda parte circulavam, dominantes, todos os perfumes, um odor de fritura que era como que o incenso dessa festa.

No fim, no extremo fim da fila de barracas como se, envergonhado, ele se exilasse de todos esses esplendores, vi um pobre saltimbanco encurvado, caduco, decrépito, uma ruína de homem, encostado contra uma estaca de sua cabana; uma cabana mais miserável do que a de um selvagem embrutecido, onde dois cotos de velas pingavam cera e enfumaçavam o ambiente que iluminava muito bem aquela miséria.

Por toda a parte a alegria, o ganho, a libertinagem; por toda a parte a certeza do pão do dia seguinte; por toda a parte uma explosão frenética de vitalidade. Aqui, a miséria absoluta, a miséria ridiculamente vestida para o cúmulo do horror; farrapos cômicos em que a

necessidade, bem mais que a arte, introduzira o contraste. Ele não ria, o miserável. Não chorava, não dançava, não gesticulava, não gritava; não cantava nenhuma canção, nem alegre nem lamentosa, não implorava. Estava mudo e imóvel. Renunciara, tinha abdicado a tudo. Seu destino estava selado.

Mas, que olhar profundo, inesquecível; ele passeava no meio da massa popular e das luzes, quando as ondas humanas paravam a alguns passos de sua repulsiva miséria. Eu sentia minha garganta apertada pela mão terrível da histeria e parecia que meu olhar era ofuscado por lágrimas rebeldes que relutavam em cair.

Que fazer? De que serviria perguntar ao infeliz que curiosidade, que maravilha teria ele para mostrar naquelas fétidas trevas, atrás de sua cortina rasgada? Na verdade eu não ousei, e, embora a razão de minha timidez lhes faça rir, confesso que temia humilhá-lo. Enfim resolvi depositar, ao passar, algum dinheiro sobre uma de suas pequenas bandejas, esperando que ele adivinhasse minha intenção, quando um grande afluxo de gente, causado não sei por quê, levou-me para longe dele.

Virando-me, obcecado por aquela visão, busquei analisar minha súbita dor e disse para mim mesmo: 'Acabo de ver a imagem de um velho homem de letras que sobreviveu à sua geração, da qual ele foi um brilhante entendedor; do velho poeta, sem amigos, sem família, sem filhos, degradado pela miséria e pela ingratidão pública e na barraca do qual o mundo sem memória não quer mais entrar!'

O BOLO

Eu viajava. A paisagem no meio da qual eu estava era de uma grandiosidade e de uma nobreza irresistíveis. Alguma coisa passava-se, sem dúvida, nesse momento em minha alma. Meus pensamentos giravam com uma leveza igual à da atmosfera; as paixões vulgares, tais como a ira e o amor profano, pareciam-me agora tão distantes quanto as nuvens que desfilavam no fundo dos abismos sob meus pés; minha alma parecia tão vasta e tão pura quanto a cúpula do céu que me envolvia; a lembrança das coisas terrestres não chegava a meu coração a não ser atenuada e diminuída como o som dos sininhos de animais imperceptíveis que pastavam ao longe, bem longe, na vertente de uma outra montanha. Sobre o pequeno lago imóvel, negro pela sua imensa profundidade, passava, vez por outra, a sombra de uma nuvem, como o reflexo do capote de um gigante voando através do céu. E me lembro que essa sensação solene e rara, causada por um grande movimento completamente silencioso, enchia-me de alegria misturada com medo. Ou seja, eu me sentia, graças à entusiasmante beleza pela qual estava envolvido, em perfeita paz comigo e com o universo; creio mesmo que, em minha perfeita beatitude e total esquecimento de todo o mal terrestre, acabei por não achar mais ridículos os jornais que pretendem que o homem nasce bom — nisso, como a matéria incurável renovasse suas exigências, sonhei descansar da fadiga e aliviar o apetite causados por uma tão longa ascensão. Tirei de minha bolsa um grande pedaço de pão, uma xícara de couro e um frasco de um certo elixir que os farmacêuticos, naquele tempo, vendiam aos turistas para, na ocasião, misturar com a água da neve.

Estava cortando tranqüilamente o meu pão quando um ruído muito leve fez-me levantar os olhos. Diante de mim encontrava-se um pequeno ser esfarrapado, negro, descabelado, cujos olhos escavados, ferozes e como que suplicantes devoravam o pedaço de pão. Eu o ouvi suspirar em voz baixa e rouca a palavra: bolo! Não pude me impedir de rir, escutando o termo que ele empregava para louvar meu pão quase branco, e eu, então, cortei uma bela fatia e ofereci a ele. Ele aproximou-se, lentamente, sem tirar os olhos do objeto de sua cobiça; depois, agarrando o pedaço com a mão, recuou, rapidamente, como temendo que minha oferta não fosse sincera ou que eu já me tivesse arrependido.

Mas, no mesmo instante, foi derrubado por um outro pequeno selvagem, saído não sei de onde e tão perfeitamente semelhante ao primeiro que se poderia tomá-lo por seu irmão gêmeo. Juntos eles rolaram pelo chão disputando a preciosa presa, nenhum deles querendo, sem dúvida, sacrificar a metade para seu irmão, O primeiro, exasperado, agarrou o segundo pelos cabelos; este, por sua vez, segurou o outro pela orelha com os dentes e cuspiu uma pequena quantidade de sangue com um soberbo xingamento em patoá. O legítimo proprietário do bolo tentou enfiar suas pequenas unhas nos olhos do usurpador; por sua vez este aplicou todas as suas forças para estrangular o adversário com uma das mãos, enquanto com a outra tratava de meter no bolso o prêmio do combate. Mas, reavivado pelo desespero, o vencido voltou a atacar e botou o vencedor por terra com uma cabeçada no estômago.

Como descrever uma luta tão feia que durou, na verdade, mais tempo que as forças infantis pareciam prometer? O bolo viajara de mão em mão e mudara de bolsos a cada instante: mas, oh! mudara também de volume; e até que, por fim, extenuados, ofegantes, sangrando, eles pararam por impossibilidade de continuar, pois não havia mais, a bem dizer, nenhum motivo de briga: o pedaço de pão tinha desaparecido, espalhado pelo chão em forma de migalhas semelhantes a grãos de areia, com os quais estava misturado.

Este espetáculo havia-me ensombrecido a paisagem e a calma alegria onde se deleitava minha alma, antes de ver esses pequenos homens, tinha desaparecido totalmente; fiquei triste durante muito tempo, repetindo-me sem cessar: “Existe um soberbo país onde o pão se chama bolo, guloseima tão rara que é suficiente para engendrar uma guerra perfeitamente fratricida!”

O RELÓGIO

Os chineses vêem as horas nos olhos dos gatos.

Um dia um missionário, passeando pelos subúrbios de Nanquim, percebeu que tinha esquecido seu relógio e perguntou as horas a um menino.

O garoto do Império Celeste, inicialmente, hesitou depois, reconsiderando, respondeu: “Vou lhe dizer.” E desapareceu. Poucos instantes depois voltou trazendo no colo um grande gato e olhando, como se costuma dizer, no branco dos olhos, afirmou sem hesitar: “Não é ainda meio-dia.” O que era verdade.

Por mim, se me inclinar para a bela Felina, assim tão bem chamada, que é, ao mesmo tempo a honra de seu sexo, o orgulho do meu coração e o perfume do meu espírito, quer seja noite, quer seja dia, em plena luz ou na sombra opaca, no fundo de seus olhos adoráveis, vejo sempre a hora distintamente, sempre a mesma, uma hora vasta, solene, grande como o espaço, sem divisões, nem de minutos, nem de segundos — uma hora imóvel que não é marcada no mostrador dos relógios e, entretanto, leve como um suspiro, rápida como uma olhadela.

E se algum importuno vier me perturbar enquanto meu olhar repousa sobre esse delicioso mostrador, se qualquer gênio desonesto e intolerante, qualquer demônio do contratempo vier me dizer: “O que olhas tu com tanto cuidado? O que procuras nos olhos desse ser? Vês a hora, pródigo e mortal preguiçoso? , eu responderia, sem hesitar: Sim, eu vejo a hora: a Eternidade.”

Não é, madame, que aqui tendes um madrigal verdadeiramente meritório e tão enfático como vós mesma? Na verdade tive tanto prazer em bordar essa pretensiosa galanteria que não vou pedir nada em troca.

UM HEMISFÉRIO EM UMA CABELEIRA

Deixa-me aspirar durante muito tempo, muito tempo, o odor de teus cabelos e mergulhar neles todo o meu rosto, como um homem com sede na água de uma fonte, e agitá-los com minha mão como um lenço perfumado para dispersar as lembranças no ar.

Se pudesses saber tudo o que vejo! Tudo o que sinto! Tudo o que percebo em teus cabelos! Minha alma viaja sobre esse perfume como a alma de outros homens sobre a música.

Teus cabelos contêm todo um sonho, cheio de velas e mastros; eles contêm os grandes mares para onde as monções me levam, os climas charmosos onde o espaço é mais azul e mais profundo; onde a atmosfera é perfumada pelas frutas, pelas folhas e pela pele humana.

No oceano de tua cabeleira entrevejo um porto formigando de cantos melancólicos, de homens vigorosos de todas as nações e de navios de todas as formas recortando suas finas e melancólicas arquiteturas sob um céu imenso onde se espreguiça o eterno calor.

Nas carícias de tua cabeleira reencontro langores das longas horas passadas sobre um divã, no quarto de um belo navio, embalado pelo imperceptível balanço das águas do porto, entre vasos de flores e bebidas refrescantes.

No ardente ninho de tua cabeleira respiro o odor de tabaco misturado ao ópio e ao açúcar; na noite de tua cabeleira vejo o infinito resplendor do azul tropical; sobre as margens cheias de penugem de tua cabeleira embriago-me com os odores de alcatrão, de almíscar e de óleo de coco.

Deixa-me morder, demoradamente, tuas tranças pesadas e negras. Quando mordisco teus cabelos elásticos e rebeldes parece-me que estou comendo lembranças.

CONVITE À VIAGEM

Existe um país soberbo, um país idílico, dizem, chamado Cocagne que eu sonho visitar com uma velha amiga. País singular, nascido nas brumas de nosso Norte e que poderia se chamar o Oriente do Ocidente, a China da Europa, tanto pela sua calorosa e caprichosa fantasia quanto por ela, paciente e persistentemente ser ilustrada por sábias e delicadas vegetações.

Um verdadeiro país de Cocagne, onde tudo é belo, rico, tranqüilo, honesto; onde o luxo se compraz em se ver em ordem, ou a vida é livre e doce de se respirar; de onde a desordem, a turbulência e o imprevisto são excluídos; onde a bondade está casada com o silêncio; onde a própria cozinha é poética, rica e excitante ao mesmo tempo; onde tudo se parece contigo, meu anjo.

Conheces essa doença febricitante que se apossa de nós nas gélidas misérias, essa nostalgia de um país que ignoramos, essa angústia vinda da curiosidade? É um lugar que se parece contigo, onde tudo é belo, rico, tranqüilo, honesto; onde a fantasia construiu e decorou uma China ocidental, onde a vida é doce de se respirar, onde a felicidade está casada com o silêncio. É lá que se precisa ir viver, é lá que se precisa ir morrer.

Sim, é lá que se precisa ir respirar, sonhar e esticar as horas para o infinito. Um músico escreveu o Convite à Valsa, quem comporá o Convite à friagem, que se possa oferecer à mulher amada ou à irmã preferida?

Sim, é nessa atmosfera que seria bom viver — lá onde as horas mais lentas contêm mais pensamentos, onde os relógios marcam a felicidade com a mais profunda e a mais significativa solenidade.

Sobre as telas brilhantes ou sobre os couros dourados, de sombria riqueza, vivem, discretamente, as pinturas beatas, calmas e profundas como as almas dos arriscas que as criaram, Os sóis poentes que cobrem tão ricamente a sala de jantar ou o sabão são amenizados pelos belos tecidos ou por altas janelas trabalhadas divididas pelas esquadrias de chumbo em numerosos compartimentos, Os móveis são vastos, curiosos, bizarros, armados de fechaduras com segredos, como as almas refinadas. Os metais, os espelhos, os tecidos, a ourivesaria e a faiança tocam para os olhos uma sinfonia muda e misteriosa; e de todas as coisas, de todos os cantos, das frestas das gavetas e das pregas dos tecidos emerge um perfume singular, um retorne de Sumatra, que é como a alma do apartamento.

Um verdadeiro país de Cocagne, digo-te, onde tudo é rico, limpo e luminoso como uma consciência pura, como uma magnífica bateria de cozinha, como urna esplêndida ourivesaria, como uma joalheria multicolor! Os tesouros do mundo inteiro afluem, como na casa de um homem trabalhador que bem os merece. País singular, superior aos outros, como a Arte é em relação à Natureza reformada pelo sonho, onde é corrigida, embelezada e refundida.

Que eles procurem, que pesquisem mais, que recuem sem cessar os limites de sua felicidade, estes alquimistas da horticultura! Que proponham o preço de sessenta e de cem florins na solução de seus ambiciosos problemas! Eu encontrei minha tulipa negra e minha dália azul!

Flor incomparável, tulipa reencontrada, dália alegórica, está lá, não é?, nesse belo país tão calmo e tão sonhador que seria preciso ir viver e florescer Não estarias enquadrada em tua analogia e não poderias mirar-te, para falar com os místicos, em tua própria correspondência?

Sonhos! Sempre sonhos! E quanto mais ambiciosa e delicada é a alma, mais os sonhos se afastam do possível. Cada homem leva em si sua dose de ópio natural, incessantemente secretada e renovada, e, do nascimento até a morte, quantas horas temos nós de alegria positiva e de ações bem-sucedidas e decididas? Viveremos nós, por acaso, passaremos nós alguma vez nesse quadro que meu espírito pintou, esse quadro que se parece contigo?

Esses tesouros, esses móveis, esse luxo, essa ordem, esses perfumes, essas flores miraculosas, és tu. És tu, ainda, esses grandes rios, esses canais tranquilos. Esses enormes navios que os singram carregados de riquezas e de onde provêm os cantos monótonos das manobras, são estes meus pensamentos que dormem ou rolam sobre teu seio. Tu os conduzes docemente em direção ao mar que é infinito, a refletir as profundezas do céu na limpidez de tua bela alma; e quando, fatigados pelas vagas e saciados dos produtos do Oriente, eles retornam ao porto natal, são ainda meus pensamentos enriquecidos que voltam do infinito para ti.

BRINQUEDO DE POBRE

Eu quero dar a idéia de um divertimento inocente. Há tão poucos divertimentos que não tenham algo de culpável!

Quando você sair de manhã com a intenção decidida de vadiar pelas estradas, encha sua bolsa de invenções baratas — tais como, um polichinelo movido à corda, os ferreiros que batem na bigorna, um cavaleiro com seu cavalo cuja cauda é um apito — e, ao longo dos cabarés, ao pé das árvores, faça uma homenagem às crianças desconhecidas e pobres que você encontrar, Você verá os olhos delas se arregalarem desmesuradamente. De início, não ousarão pegar os presentes, duvidarão da própria felicidade. Depois suas mãos agarrarão, rapidamente, o presente e fugirão como fazem os gatos que vão comer longe de você o pedaço que você lhes deu, tendo aprendido a desconfiar dos homens.

Em uma estrada, atrás da cerca de um vasto jardim, ao fim do qual aparecia a brancura de um lindo castelo ensolarado, havia um menino lindo e sadio, vestido com essas roupas do campo e cheio de elegância.

O luxo, o descuido e o espetáculo habitual da riqueza tornam essas crianças tão bonitas que a gente crê que sejam feitas de outra matéria que os filhos da mediocridade e da pobreza.

Ao lado dele, jazia, sobre a relva, um brinquedo esplêndido, tão novo quanto seu dono, envernizado, dourado, vestido com uma roupagem purpurina e coberto de plumas e de vidrilhos. Mas o menino não se ocupava de seu brinquedo preferido e vejam para o que ele olhava: do outro lado da cerca, na estrada, entre os espinhos e as urtigas, havia outro menino, sujo, magro, fuliginoso, uma dessas marmotas-párias, em quem um olho imparcial descobriria beleza, sim, como o olho de um conhecedor adivinha uma pintura ideal sob o verniz de carroceiro e o limpa da repugnante pátina da miséria.

Através dessas barras simbólicas separando os dois mundos, a estrada e o castelo, a criança pobre mostrava à criança rica o seu próprio brinquedo, que esta examinava avidamente como um objeto raro e desconhecido. Ora, tal brinquedo, que o pequeno sujinho irritava, agitava e sacudia dentro de uma gaiola, era um rato vivo! Os pais, por economia, sem dúvida, tinham tirado o brinquedo do dia-a-dia da vida.

E os dois meninos riam, um para o outro, fraternalmente, mostrando os dentes de igual brancura.

OS DONS DAS FADAS

Era um grande encontro de fadas para proceder à distribuição de dons entre todos os recém-nascidos, chegados à vida, nas últimas vinte e quatro horas.

Todas essas antigas e caprichosas Irmãs do Destino, todas essas mães bizarras da alegria e da dor eram bem diferentes: umas tinham o ar sombrio e ranzinza, outras um ar caçador e malicioso; umas jovens que sempre foram jovens e outras velhas que sempre foram velhas.

Todos os pais que tinham fé nas fadas vieram, trazendo, cada um deles, seu recém-nascido nos braços.

Os Dons, as Faculdades, as Boas Sortes, as Circunstâncias invencíveis estavam acumuladas ao lado do tribunal, sobre o estrado, para uma distribuição de prêmios. O que havia ali de particular é que os Dons não eram a recompensa de um esforço mas, pelo contrário, uma graça concedida aquele que ainda não vivera e que poderia determinar seu destino e tornar-se tanto a fonte de sua infelicidade quanto a de sua felicidade.

As pobres Fadas estavam muito ocupadas, pois a multidão de solicitantes era grande, e o mundo intermediário, colocado entre o homem e Deus, é tão submetido quanto nós à terrível lei do Tempo e de sua infinita posteridade: os Dias, as Horas, os Minutos e os Segundos.

Na verdade, elas encontravam-se tão atordoadas quanto os ministros em dias de audiência ou os empregados do Montepio (penhor) quando um feriado nacional autorizava os resgates gratuitos de empenhos. Creio, mesmo, que elas olhavam de tempo em tempo os ponteiros do relógio com tanta impaciência quanto os juízes humanos que, trabalhando desde manhã cedo, não podem se impedir de sonhar com o jantar junto à família, e com seus caros chinelos. Se, na justiça sobrenatural, há um pouco de precipitação e de acaso, não nos espantemos que assim seja, também, na justiça humana, algumas vezes. Nós seríamos, nós mesmos, nesses casos, injustos juízes.

Também foram cometidos alguns enganos nesse dia, que poderiam ser considerados bizarros, se a prudência, mais do que o capricho, fosse um caráter distintivo, eterno das Fadas.

Assim, o poder de atrair magneticamente uma fortuna foi concedido ao herdeiro único de uma família muito rica que, não sendo dotado de qualquer senso de caridade, nem de qualquer cobiça por todos os bens visíveis da vida, deveria se achar, mais tarde, prodigiosamente embaraçado com seus milhões.

Assim foram dados o Amor ao Belo e o Poder Poético ao filho de um pobre sombrio, pedreiro de profissão, que não podia, de nenhum modo, ajudar as capacidades nem suavizar as necessidades de sua deplorável progeneritura.

Esqueci de lhes dizer que a distribuição, nesses casos solenes, não tem apelação, e que nenhum dom pode ser recusado.

Todas as Fadas se levantaram, crendo concluídas suas cansativas obrigações porque não havia mais qualquer presente, nem generosidade a distribuir para toda aquela massa humana ignara, quando um homem de bem, um pobre pequeno comerciante, eu creio, levantou-se, e, agarrando a roupa de vapores multicores da Fada que estava mais próxima e a seu alcance, gritou:

“Ei! Minha senhora, esqueceu-se de nós?! Há ainda o meu pequeno. Não aceito ter vindo aqui por nada!”

A Fada poderia ter ficado embaraçada, porque nada havia restado, Entretanto, ela se lembrou, a tempo, de uma lei bem conhecida conquanto raramente aplicada no mundo sobrenatural, habitado por deidades impalpáveis, amigas dos homens e freqüentemente constrangidas em se adaptar às paixões deles, na qualidade de Fadas, Gnomos, Salamandras, Sílides, Silfos, Nixos, Ondins e Ondinas: “Desejo falar sobre a lei que concede às Fadas, em casos semelhantes a este, quer dizer, o esgotamento dos lotes de presentes, o poder de dar, conceder ainda mais um, suplementar e extraordinário, desde que ela tenha suficiente imaginação para criá-lo imediatamente.”

Então a boa Fada respondeu com arrogância, digna de seu cargo: “Eu dou ao teu filho... eu lhe dou... o dom de agradar!”

“Mas agradar como? Agradar?... Agradar por quê?”, perguntou obstinadamente o comerciante, que era, sem dúvida, um desses questionadores tão comuns, incapazes de se elevarem e alcançarem a lógica do Absurdo!

“Por quê? Porque sim!”, replicou a Fada furiosa, virando-lhe as costas; e, juntando-se ao cortejo de suas companheiras, lhes dizia: “O que acham vocês desse pequeno francês vaidoso que quer saber tudo e que tendo obtido para o filho o melhor dos prêmios ousa ainda questionar e discutir o indiscutível?”

AS TENTAÇÕES,

OU

EROS, PLUTUS E A GLÓRIA

Dois soberbos Satanases e uma Diabinha não menos extraordinária, na noite passada, subiram a misteriosa escada por onde o Inferno assalta a fraqueza do homem que dorme e comunica-se em segredo com ele. E eles vieram colocar-se gloriosamente diante de mim, em pé como sobre um estrado. Um esplendor sulfuroso emanava desses três personagens que se destacavam do fundo opaco da noite. Eles tinham um ar tão arrogante, tão pleno de dominação, que eu, primeiramente, os tomei, todos os três, por verdadeiros Deuses.

O rosto do primeiro diabo tinha uma sexualidade ambígua e possuía, também, na linha de seu corpo, a flacidez dos antigos Bacos. Seus belos olhos, lânguidos, de cor tenebrosa e indecisa, pareciam violetas carregadas ainda de pesados choros da tempestade e seus lábios entreabertos como defumadores quentes, de onde exalava o bom cheiro de uma perfumaria; e a cada vez que ele suspirava, insetos almiscarados se iluminavam, esvoaçando aos ardores de sua respiração.

Em volta de sua túnica de púrpura como se fosse um cinto, enlaçava sua cintura uma serpente cintilante que, com a cabeça levantada, virava para ele seus olhos de brasas, langorosamente. Nesse cinto vivo estavam pendurados, alternando com frascos cheios de licores sinistros, facas brilhantes e instrumentos de cirurgia. Em sua mão direita ele tinha um frasco cujo conteúdo era de um vermelho luminoso e que tinha como etiqueta essas palavras bizarras: *Bebam, esse é o meu sangue, um perfeito cordial*"; na esquerda, um violino que lhe servia, sem dúvida, para cantar seus prazeres, suas dores e para difundir o contágio de sua loucura nas noites de sabá.

Os tornozelos delicados arrastavam alguns anéis de uma corrente de ouro rompida e, quando o incômodo que resultava forçava-o a baixar o olhar para o chão, ele, vaidosamente, contemplava as unhas dos pés, brilhantes e polidas como pedras bem trabalhadas.

Fitou-me com seus olhos inconsolavelmente desolados, de onde escorria insidiosa embriaguez, e me disse com sua voz cantante: "Se quiseres, se quiseres, eu te farei o Senhor das almas e serás o mestre da matéria viva mais ainda que um escultor pode ser do barro, e conhecerás o prazer sempre renascente, incessantemente, e sair de ti mesmo para te esqueceres em outro e atrair outras almas ate se confundirem com a tua."

Respondi-lhe: "Muito obrigado! Eu não teria o que fazer com esses seres de pacotilha que, sem dúvida, não valem mais do que o meu pobre eu. É verdade que tenho certa vergonha de minhas lembranças, mas não quero esquecer nada. E, mesmo quando eu não te conhecia,

velho monstro, tua misteriosa cutelaria, teus equívocos frascos, as correntes que embaraçam teus pés são os símbolos que explicam claramente as inconveniências de tua amizade. Guarda teus presentes.”

O segundo diabo não tinha aquele ar ao mesmo tempo trágico e sorridente, nem aquelas belas maneiras insinuantes, nem a beleza delicada e perfumada. Era um vasto homem de cara grande sem olhos, cujo ventre pesado pendia sobre as coxas e cuja pele do corpo era dourada e ilustrada, como uma tatuagem, com uma multidão de pequenas figuras moventes representando as numerosas formas da miséria universal. Havia pequenos homens emagrecidos que se penduravam, voluntariamente, a um prego; e, ainda, pequenos gnomos, disformes, magros, cujos olhos suplicantes reclamavam esmolas mais bem ainda que suas mãos trêmulas; e depois as velhas mãos levando seus abortos pendurados em seus mamilos extenuados. E muitos outros mais.

O grande Satanás batia com seu próprio punho no ventre imenso de onde provinha um tilintar de metais que terminava em um vago gemido feito de numerosas vozes humanas. E ele ria mostrando, sem qualquer pudor, seus dentes estragados em um riso imbecil, como o de certos homens em todos os países, depois de jantarem bem.

E ele me disse: “Posso te dar o que tudo consegue, o que vale tudo, o que tudo substitui!” E bateu em seu monstruoso ventre, cujo eco sonoro fez como que o comentário de sua fala grosseira.

Virei-me, com nojo, e respondi: “Não tenho necessidade, para minha alegria, da miséria de ninguém; e não quero uma riqueza entristecida como um papel pintado com todas as desgraças representadas em tua pele.”

Quanto à Diabinha, eu mentiria se não confessasse que, à primeira vista, encontrei nela um bizarro charme. Para definir esse charme não saberia compará-lo a nada melhor do que ao de certas mulheres muito bonitas que, apesar do tempo vivido, não envelhecem e cuja beleza guarda a magia penetrante das ruínas. Ela tinha um ar imperioso, desajeitado e seus olhos batidos continham uma força fascinante. O que me tocou mais foi o mistério de sua voz, na qual eu reencontrei a lembrança dos mais deliciosos contraiu e, também, um pouco da rouquidão das gargantas incessantemente lavadas pelas aguardentes.

“Queres conhecer meu poder?”, disse a falsa deusa com sua voz charmosa e paradoxal. “Escuta.”

E ela então botou na boca uma gigantesca trombeta, cheia de fitas, como uma flauta antiga, com manchetes de todos os jornais do universo e, através dessa trombeta, gritou meu nome, que se espalhou assim pelo espaço com o barulho de cem mil trovões e voltou para mim repercutido pelo eco do mais longínquo planeta.

“Diabo!”, disse eu, já meio subjugado. “Vejam que precioso.” Mas examinando mais atentamente a sedutora virago, pareceu-me que a reconhecia vagamente por tê-la visto bebendo e comemorando com uns pândegos de minhas relações, e o som rouco do cobre trazia a meus ouvidos não sei que lembranças de uma trombeta prostituída.

Eu respondi, também, com todo o meu desdém: “Vai-te. Eu não fui feito para casar com a amante de certas pessoas cujo nome não quero pronunciar.

Certamente, tinha o direito de ficar orgulhoso da minha corajosa abnegação. Mas, infelizmente, acordei e todas as forças me abandonaram. “Na verdade”, disse-me eu, “era preciso que eu estivesse pesadamente adormecido para mostrar tais escrúpulos. Ah! se eles pudessem voltar quando eu estivesse acordado, eu não seria tão delicado!”

E eu os invoquei em altos brados, suplicando-lhes que me perdoassem, oferecendo-lhes me desonrar tantas vezes quanto necessário para merecer seus favores; mas eu os havia ofendido gravemente, pois nunca mais voltaram.

O CREPÚSCULO DA NOITE

O dia acaba. Uma grande paz surge nos pobres espíritos fatigados pelo trabalho da jornada e seus pensamentos tomam agora as cores ternas e indecisas do crepúsculo.

Entretanto, do alto da montanha chega à minha sacada, através das nuvens transparentes da tarde, um grande uivo, composto por uma multidão de gritos discordantes que o espaço transforma em lúgubre harmonia, como a da maré que sobe ou a ameaça de uma tempestade.

Quem são os desditosos que a tarde no acalma e que tomam, como as corujas, a chegada da noite como um sinal do sabá? Esta sinistra ululação nos chega do negro hospício empoleirado sobre a montanha; e à tarde, fumando e contemplando o repouso do imenso vale, arrepiado de casas onde cada janela diz: “A paz agora está aqui, está aqui a alegria da família”, eu posso, quando o vento sopra do alto, embalar meus pensamentos assombrados por essa imitação das harmonias do inferno.

O crepúsculo excita os loucos. Lembro-me que tinha dois amigos que o crepúsculo tornava doentes. Um passou a desconhecer todas as relações de amizade e de polidez, e maltratava, como um selvagem, o primeiro que aparecesse. ‘Vi-o jogar na cabeça de um mattre de hotel um excelente frango, em que ele via não sei qual hieróglifo insultante. A noite, precursora de profundas volúpias, para ele estragava as coisas mais suculentas!

O outro, um ambicioso frustrado, tornava-se, à medida que o dia baixava, mais azedo, mais sombrio, mais impertinente. Indulgente e sociável durante o dia, ficava impiedoso à noite, e exercia, raivosamente, suas manias crepusculares não somente em relação aos outros, mas, também, consigo próprio.

O primeiro morreu louco, incapaz de reconhecer sua mulher e o filho; o segundo leva em si a inquietude de um mal-estar perpétuo, e mesmo se fosse gratificado com todas as honras que possam conferir as repúblicas e os príncipes, creio que o crepúsculo acenderia ainda nele o ardente desejo de receber distinções imaginárias. À noite, que introduzia trevas em seu espírito, iluminava o meu, e, ainda que seja raro ver-se a mesma causa engendrar dois efeitos contrários, deixa-me sempre como que intrigado e alarmado.

Ó noite! Ó refrescantes trevas! Vós sois para mim sinal de uma festa interior, vós sois a redenção de uma angústia! Na solidão das planícies, nos labirintos pedregosos de uma capital, a cintilação das estrelas, a explosão das lanternas, vós sois o fogo de artifício da deusa Liberdade!

Crepúsculo, como sois doce e terno! Os clarões róseos que se arrastam ainda no horizonte, como a agonia do dia sob a opressão vitoriosa da sua noite, os fogos dos candelabros que criam manchas de um vermelho opaco sobre as últimas glórias do poente, os pesados cortinados que uma mão invisível atrai das profundezas do Oriente, imitam todos os sentimentos complicados que lutam no coração do homem nas horas solenes de sua vida.

Dir-se-ia, ainda, uma dessas vestes estranhas de dançarinas, onde uma gaze transparente e sombria deixa entrever os esplendores amortecidos de uma saia deslumbrante, como sob o negro presente transparece o delicioso passado; e as estrelas vacilantes, de ouro e prata, dos quais é semeada, representam estes fogos da fantasia que só se iluminam bem sob o luto fechado da Noite.

A SOLIDÃO

Um jornalista filantropo disse-me que a solidão é má para o homem, e, em apoio a sua tese, cita, como todos os incrédulos, as palavras dos Padres da Igreja.

Eu sei que o Demônio freqüenta prazerosamente os lugares áridos e que o Espírito do assassinio e da lubricidade inflama-se maravilhosamente na solidão. Mas é possível que esta solidão não seja perigosa senão para almas ociosas e divagantes que povoam suas paixões e suas quimeras.

É certo que um tagarela, cujo supremo prazer consiste em falar do alto de um púlpito ou de uma tribuna, se arriscaria a tornar-se um louco furioso na ilha de Robinson. Eu não exijo de meu jornalista as corajosas virtudes de Crusoé, mas peço que ele não acuse os amantes da solidão e do mistério.

Há, em nossas raças faladoras, indivíduos que aceitariam com menos repugnância o suplício supremo se lhes fosse permitido fazer do alto do cadafalso uma copiosa arenga, sem medo de que os tambores de Santerre lhes cortassem intempestivamente a palavra.

Não me apiedo deles, porque adivinho que suas efusões oratórias procuram volúpias iguais àquelas que outros tiram do silêncio e do recolhimento; mas eu os desprezo.

Desejo, sobretudo, que meu maldito jornalista deixe que eu me divirta a meu modo. “O senhor nunca aprova”, disse-me ele, com um tom anasalado muito apóstolico, “a necessidade de compartilhar suas alegrias?” Vejam vocês o sutil invejoso! Ele sabe que desdenho as alegrias dele e vem se insinuando nas minhas, o horroroso estraga-festas.

“Essa grande infelicidade de não poder estar só!...”, disse em algum lugar La Bruyère, como para envergonhar a todos os que correm para se perderem na multidão, temendo, sem dúvida, não poder suportar-se a si mesmos.

“Quase todos os nossos males nos vêm de não termos sabido ficar em nossos quartos”, disse um outro sábio, Pascal, creio, lembrando assim na sua cela de recolhimento todos estes enlouquecidos que procuram a felicidade no movimento e numa prostituição que eu poderia chamar de fraternária, se quisesse falar na bela língua do meu século.

OS PROJETOS

Sozinho, passeando em um grande parque, ele dizia para si mesmo: “Como ela ficaria bela em seu vestido real, complicado e faustoso, descendo, através da atmosfera de uma bela tarde, os degraus de mármore de um palácio diante de grandes gramados e laguinhos! Porque ela tem, naturalmente, o ar de uma princesa.”

Passando, mais tarde, por uma rua, ele parou diante de uma loja de gravuras e encontrando numa pasta uma estampa representando uma paisagem tropical. se disse: “Não! Não é num palácio que eu desejaria possuir sua querida vida. Nós não estaríamos em casa. Porque em suas paredes incrustadas de ouro não haveria lugar para pendurar o seu retrato; naquelas solenes galerias não existiriam recantos para nossa intimidade. Decididamente, é lá que é preciso ficar para cultivar o sonho de minha vida.”

E, analisando com os olhos todos os detalhes da gravura, ele continuou, mentalmente: “À beira-mar, uma bela cabana de madeira, cercada por todas essas árvores bizarras e luminosas das quais me esqueço os nomes..., na atmosfera um odor inebriante, indefinível., na cabana, um perfume de rosas e almíscar, Mais longe, atrás de nosso pequeno domínio, as pontas de mastros dos botes oscilando com as ondas., em volta de nós, além do quarto iluminado por uma luz rósea tamisada pelas cortinas, decoradas com esteiras frescas e flores capitosas com algumas cadeiras de rococó português, de uma madeira pesada, tenebrosa (onde ela repousaria, calmamente, refrescando-se e fumando um tabaco levemente opiáceo); além do terraço, a gritaria de pássaros embriagados pelas luzes e a tagarelagem das negrinhas., e à noite, para servir de acompanhamento a meus sonhos, o canto lamentoso de árvores musicais, de melancólicas casuarinas. Sim, na verdade, é bem este cenário lá que eu procurava. Que faria eu com um palácio?”

E, mais adiante, como ele seguisse por uma grande avenida, vislumbrou um albergue asseado onde, de uma janela alegrada por cortinas indianas multicores, penduravam-se duas cabeças sorridentes. E, logo a seguir: “É preciso”, disse para si, “que meu pensamento seja um grande vagabundo para ir procurar tão longe o que está perto de mim. O prazer e a felicidade estão no primeiro albergue encontrado, no albergue do acaso, tão fecundo e voluptuoso. Uma lareira, faianças vistosas, um jantar passável, um vinho rude e um leito muito largo com lençóis um pouco ásperos, mas frescos; o que há de melhor?”

E voltando para casa sozinho àquela hora onde os conselhos da sabedoria não são mais abafados pelo burburinho da vida exterior, ele se disse: “Tive hoje, em sonho, três domicílios onde encontrei prazeres iguais. Por que obrigar meu corpo a mudar de lugar se minha alma viaja tão rapidamente? De que serve a execução de projetos, posto que o projeto, em si, é já um gozo suficiente?”

A BELA DOROTÉIA

O sol atormenta a cidade com sua luz direta e terrível; a areia está resplandecente e o mar brilhando como um espelho. O mundo estupefato verga-se, covardemente, e faz a sesta; uma sesta que é uma espécie de morte saborosa onde o homem adormecido, meio acordado, saboreia as volúpias de seu aniquilamento.

Entretanto, Dorotéia, forte e altiva como o sol, avança na rua deserta, único ser vivo a essa hora sob o imenso céu azul, fazendo sobre a luz uma sombra brilhante e negra.

Ela avança, balançando molemente seu torso tão fino, sobre suas ancas tão amplas. Seu vestido colante de seda, de tom claro e róseo, contrasta vivamente com as trevas de sua pele e modela exatamente seu longo talhe, o dorso côncavo e os seios pontudos.

Seu guarda-sol vermelho, diminuindo a luz, projeta sobre uma face sombria as cores sangrentas de seus reflexos.

O peso de sua enorme cabeleira, quase azul, puxa para trás sua cabeça delicada e lhe dá um ar triunfante e preguiçoso. Pesados brincos chilreiam secretamente para suas orelhas graciosas.

De tempo em tempo, a brisa do mar ergue um canto de sua saia flutuante e mostra sua perna luminosa e soberba; e seu pé, igual aos pés das deusas de mármore que a Europa enclausura nos museus, imprime fielmente sua forma sobre a areia fina. Porque Dorotéia é tão prodigiosamente coquette que o prazer de ser admirada sobrepõe-se nela ao orgulho de ser libertada e, embora livre, ela anda descalça.

Ela vai, assim, harmoniosamente, feliz por estar viva e sorrindo, com um branco sorriso como se visse, ao longe, no vazio, um espelho refletindo seus passos e sua beleza.

A hora em que mesmo os cães gemem de dor sob o sol que os morde, que possante motivo faz, então, a preguiçosa Dorotéia ir assim, bela e fria, como se feita de bronze?

Por que deixou ela sua pequena cabana tão faceiramente arrumada, onde as flores e as esteiras fazem a pouco custo um perfeito quatinho; onde ela tanto se apraz em pentear-se, em fumar, em abanar-se ou olhar pelo espelho seus grandes leques de plumas, enquanto o mar, que bate na praia, a cem passos dali, faz a seus devaneios indecisos um potente e monótono acompanhamento, e que a marmita de ferro, cozinhando um guisado de caranguejos com arroz e açafrão, envia-lhe, do fundo da cozinha, seus perfumes excitantes?

Talvez ela tenha um encontro com algum jovem oficial que, em longínquas praias, ouviu falar, por seus camaradas, da célebre Dorotéia. Infalivelmente, ela suplicará, à simplória criatura, que ele lhe descreva o baile da Ópera e lhe perguntará se se pode ir lá de pés descalços como

nas danças de domingo, onde as velhas negras de Cafres (África) tornam-se ébrias e furiosas de alegria; e ainda se as belas damas de Paris são rodas mais belas do que ela.

Dorotéia é admirada e acarinhada por todos e seria completamente feliz se não fosse obrigada a empilhar tostão sobre tostão para resgatar sua irmã, agora com onze anos, já crescida e tão bela! Ela conseguirá, sem dúvida, a boa Dorotéia; mesmo sendo o dono da criança tão avaro, tão avaro que não compreende outra beleza que não seja a do dinheiro.

OS OLHOS DOS POBRES

Ah! Você quer saber por que eu a odeio hoje. Será, certamente, menos fácil para você compreender do que¹ para mim, explicar; porque você é, creio, o mais belo exemplo da impermeabilidade feminina que se possa encontrar.

Tínhamos passado juntos um longo dia que me parecera curto. Nós nos tínhamos prometido que todos os nossos pensamentos seriam comuns a um e ao outro e que nossas duas almas não seriam mais do que uma só — um sonho que nada tem de original, uma vez que, afinal, é um sonho sonhado por todos os homens, mas nunca realizado por nenhum.

À noite, já um pouco fatigada, você quis sentar-se em frente a um café novo, na esquina de um bulevar também novo, ainda cheio de cascalhos, mas já mostrando gloriosamente seus esplendores inacabados. O café brilhava. Mesmo as simples tochas de gás revelavam todo o ardor de uma estréia e iluminavam, com todas as suas forças, as paredes de uma brancura ofuscante, exibindo a seqüência de espelhos, o ouro das molduras e dos frisos, mostrando pagens rechonchudos arrastados por cães nas coleiras, senhoras rindo com os falcões pousados em seus punhos, ninfas e deusas trazendo frutas em suas cabeças, patês e caças diversas, as Hebes e Ganimedes apresentando, com os braços estendidos, a pequena ânfora com creme bávaro ou o obelisco bicolor de sorvetes coloridos; enfim, toda a história e a mitologia postas a serviço da glotonaria.

Bem em frente de nós, na calçada, estava plantado um homem de bem, de uns quarenta anos, de rosto cansado, barba grisalha, tendo numa das mãos um menino e sobre o outro braço um pequeno ser ainda muito frágil para andar. Ele cumpria o papel de uma babá e trazia seus filhos para tomar o ar da noite. Todos em farrapos. Esses três rostos estavam extremamente sérios e seus seis olhos contemplavam fixamente o novo café com igual admiração, mas, naturalmente, com as nuances devidas às idades.

Os olhos do pai diziam: “Que beleza! Que beleza! Dir-se-ia que todo o ouro do pobre mundo fora posto nessas paredes.” Os olhos do menino: “Que beleza! Que beleza! Mas é uma casa onde só podem entrar pessoas que não são como nós!” Quanto aos olhos do menor, eles estavam fascinados demais para exprimirem outra coisa senão uma alegria estúpida e profunda.

Os canceiros dizem que o prazer torna a alma boa e amolece o coração. A canção tinha razão nesta noite relativamente a mim. Não somente eu estava enternecido por esta família de olhos, como me sentia envergonhado por nossos copos e nossas garrafas, maiores que nossa sede. Virei meus olhos para os seus, querido amor, para ler neles o “meu pensamento”; mergulhei em seus olhos tão belos e tão bizarramente doces, nos seus olhos verdes, habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse: “Não suporto essa gente com seus

olhos arregalados como as portas das cocheiras! Será que você poderia pedir ao maître do café para afastá-los daqui?”

É tão difícil o entendimento, meu caro anjo, e tão incomunicável é o pensamento mesmo entre as pessoas que se amam.

UMA HERÓICA MORTE

Fancioulle era um admirável palhaço e quase um dos amigos do Príncipe. Mas para as pessoas destinadas a ser cômicos, as coisas sérias têm atrações fatais e, ainda que possa parecer bizarro que as idéias de liberdade e de pátria tomem despoticamente o cérebro de um histrião, um dia Fancioulle entrou em uma conspiração formada por alguns cavalheiros descontentes,

Existem em todos os lugares homens de bem para denunciar ao poder esses indivíduos de humor melancólico que querem depor os príncipes e operar a mudança de uma sociedade, sem consultá-la. Os senhores em questão foram presos, como também Fancioulle, e condenados à morte certa.

Creio sinceramente que o Príncipe tenha ficado quase chocado por encontrar seu ator favorito entre os rebeldes.

O Príncipe não era nem melhor nem pior do que qualquer outro, mas uma excessiva sensibilidade tornava-o, em muitos casos, mais cruel e despótico do que todos os seus semelhantes. Amoroso, apaixonado, excelente conhecedor, também, das belas-artes, era, verdadeiramente, de insaciável volúpia.

Muito indiferente em relação aos homens e à moral, verdadeiro artista, ele próprio, não conhecia inimigo mais perigoso do que o tédio. Os bizarros esforços que fazia para fugir ou para vencer tal tirano do mundo fariam exatamente que tivesse ganho, da parte de um historiador severo, o epíteto de “monstro”, se ele tivesse permitido, em seus domínios, que se escrevesse o que quer que fosse, que não tendesse ao prazer ou à surpresa, que é uma das mais delicadas formas de prazer. A grande infelicidade deste Príncipe foi não ter tido nunca um teatro suficientemente vasto para o seu gênio. Há jovens Neros que foram sufocados em limites muito estreitos, e os séculos futuros ignorarão sempre seus nomes e a sua boa vontade. A imprevisível Providência deu a ele faculdades maiores que seus Estados.

Subitamente correu o boato que o soberano queria perdoar todos os conjurados; e a origem desse boato foi o anúncio de um grande espetáculo onde Fancioulle deveria desempenhar um de seus principais e melhores papéis; e ao qual assistiriam mesmo, dizia-se, os cavalheiros condenados; sinal evidente, acrescentavam os espíritos superficiais, das tendências generosas do Príncipe ofendido.

Da parte de um homem tão natural e voluntariamente excêntrico, tudo é possível, mesmo a virtude, mesmo a demência, sobretudo se se pudesse ter a esperança de encontrar prazeres inesperados. Mas para aqueles que, como eu, puderam penetrar mais adiante na profundidade dessa alma curiosa e doente, seria infinitamente mais provável que o Príncipe quisesse julgar o valor dos talentos cênicos de um homem condenado à morte. Ele queria aproveitar a ocasião

para fazer uma experiência fisiológica de interesse capital e verificar até que ponto as faculdades habituais de um artista poderiam ser alteradas ou modificadas pela situação extraordinária em que se encontrava; e mais, existiria mesmo em sua alma uma intenção mais ou menos predisposta à demência? Eis um ponto que jamais poderá ser esclarecido.

Enfim, chegado o grande dia, a pequena corte mostrou todas as suas pompas, e seria difícil conceber, a não ser que se tivesse visto tudo o que a classe privilegiada de um pequeno Estado, de recursos escassos, pode mostrar de esplendores para uma autêntica solenidade. Isso era duplamente verdade, primeiro pela magia de luxo exibido, depois pelo interesse moral e misterioso ao qual estava ligado.

O senhor Fancioulle era excelente sobretudo nos papéis não falados ou pouco expressos em palavras, que são, quase sempre, os principais nesses dramas feéricos cujo objetivo é representar simbolicamente o mistério da vida. Ele entrou em cena com leveza e naturalidade, o que contribuiu para fortificar, no nobre público, a idéia de doçura e perdão.

Quando se diz de um ator: “Eis um bom ator”, serve-se de uma fórmula implicando que, sob o personagem, deixa-se perceber o ator, quer dizer, a arte, o esforço, a vontade. Ora, se o ator chega a ser, relativamente ao personagem que ele está encarregado de representar, o que as melhores estátuas da antiguidade, miraculosamente animadas, vivas, caminantes, vistas seriam relativamente à idéia geral e confusa da beleza, isto é, sem dúvida, um caso singular e absolutamente imprevisto. Fancioulle foi essa noite uma perfeita idealização, que seria impossível que não se supusesse viva, possível e real. Este bufão ia, vinha, ria, chorava, entrava em convulsões, com uma indestrutível auréola em volta da cabeça, auréola esta invisível para todos, mas visível por mim e onde se misturavam, em estranho amálgama, os clarões da Arte e a glória do Martírio. Fancioulle introduziu, não sei por que graça especial, o divino e o sobrenatural até nas mais extravagantes pantomimas. Minha pena treme e lágrimas de uma emoção sempre presente sobem-me aos olhos enquanto procuro descrever esta incrível noite. Fancioulle provou-me, de maneira peremptória e irrefutável, que a embriaguez da Arte é mais apta do que qualquer outra para encobrir os terrores do abismo; que o gênio pode representar uma comédia à beira do túmulo com uma alegria que o impede de ver o próprio túmulo, perdido como está em um paraíso que exclui toda idéia de sepultura e de destruição.

Todo este público, por mais afetado e frívolo que pudesse ser, sofreu logo a poderosa dominação artística. Ninguém sonhou mais sobre a morte, o luto, nem sobre suplício. Cada um abandonou-se, sem inquietação, às volúpias multiplicadas da visão de uma obra-prima da arte viva. As explosões de alegria e de admiração abalaram várias vezes as cúpulas do edifício com a energia de um trovão contínuo. Até mesmo o Príncipe, inebriado, juntou seus aplausos aos da corte.

Entretanto para um olho clarividente exatamente justificadas, mas não absolutamente injustificáveis, atravessaram meu espírito enquanto eu contemplava a face do Príncipe, sobre a qual uma palidez nova juntava-se sem cessar à palidez habitual, como a neve que cai sobre a neve. Seus lábios cercavam-se cada vez mais e os olhos brilhavam com um fogo interior semelhante ao do ciúme e ao rancor, mesmo quando aplaudia ostensivamente o talento de seu velho amigo, o estranho bufão, que gracejava tão bem com a morte. A um certo momento, vi Sua Alteza inclinar-se para um pequeno pajem que estava atrás dele e lhe falar ao ouvido. A

fisionomia maliciosa do lindo jovem iluminou-se com um sorriso; depois ele deixou rapidamente o camarote do Príncipe, como para cumprir uma missão urgente.

Alguns minutos mais tarde um silvo agudo, prolongado, interrompeu Fancioulle em um de seus melhores momentos e feriu tanto os ouvidos quanto os corações. E do lugar da sala de onde havia brotado a desaprovação inesperada, um menino precipitou-se para um corredor em gargalhadas abafadas.

Fancioulle, agitado, acordado de seu sonho, inicialmente fechou os olhos, depois reabriu-os e, quase de imediato, arregalou-os desmesuradamente; em seguida abriu a boca como para respirar convulsivamente, cambaleou, um pouco para a frente, um pouco para trás e, depois, tombou morto sobre o assoalho,

O silvo, rápido como uma espada frustrara realmente o carrasco? O Príncipe previra toda a homicida eficácia de seu ardil? E permitido duvidar. Deplorava ele a morte de seu caro e inimitável Fancioulle? É doce e legítimo acreditar.

Os fidalgos, culpados, haviam gozado pela última vez o espetáculo da representação. Naquela noite mesma eles foram apagados da vida.

Desde então, muitos mímicos justamente apreciados em diversos países vieram representar diante da corte de ***; mas nenhum deles fez lembrar os maravilhosos talentos de Fancioulle, nem conseguiu obter os mesmos favores.

A MOEDA FALSA

Assim que saímos da tabacaria, meu amigo fez uma cuidadosa triagem de suas moedas: no bolso esquerdo de seu colete, ele enfiou pequenas peças de ouro; no direito, pequenas peças de prata; no bolso esquerdo da calça, uma porção de moedas grandes de sois* e, enfim, na direita, uma peça de prata de dois francos que ele, particularmente havia examinado.

“Singular e minuciosa repartição”, eu disse comigo mesmo.

No caminho, encontramos um pobre que nos estendeu, tremendo, o seu gorro. Não conheço nada de mais inquietante do que a eloqüência muda desses olhos suplicantes que contêm, ao mesmo tempo, para um homem sensível que neles saiba ler tanto humilhação quanto censura. Ele encontra lá alguma coisa que se aproxima dessa profundidade de sentimento complicado nos olhos lacrimajantes dos cães chicoteados.

A dádiva de meu amigo foi consideravelmente maior que a minha e eu lhe disse: “Você tem razão, após o prazer de ser surpreendido, não há algo maior que causar surpresa.” “Foi a moeda falsa”, respondeu-me ele, tranqüilamente, como que justificando-se de sua prodigalidade.

Mas em meu cérebro miserável, sempre ocupado em procurar o meio-dia às quatorze horas (de cuja fatigante faculdade a natureza me presenteou!), entrou, subitamente, essa idéia de que tal conduta, por parte de meu amigo, só era desculpável pelo desejo de criar um acontecimento na vida do pobre-diabo, talvez mesmo de conhecer as diversas conseqüências, funestas ou outras, que uma peça falsa possa engendrar na mão de um mendigo. Não poderia ela se multiplicar em peças verdadeiras? Não poderia ela, também, conduzi-lo à prisão? Um taberneiro, um padeiro, por exemplo, iria talvez mandar prendê-lo como moedeiro falso ou, então, como propagador de moedas falsas. A peça falsa talvez fosse, também, para um pequeno especulador, o germe de uma riqueza de alguns dias. E, assim, minha fantasia ia seguindo seu rumo, dando asas ao espírito de meu amigo e tirando todas as deduções possíveis de todas as hipóteses possíveis.

Mas ele rompeu bruscamente meu devaneio retomando minhas próprias palavras: “Sim, você tem razão; não há prazer mais doce do que surpreender um homem dando-lhe mais do que ele espera.”

Olhei-o no fundo dos olhos e fiquei espantado ao ver que seus olhos brilhavam com incontestável candura. Vi, então, que ele tinha querido fazer, ao mesmo tempo, caridade e um bom negócio; ganhar quarenta sois e o coração de Deus. Ganhar o paraíso economicamente; enfim, conquistar grátis um diploma de homem caridoso. Eu quase lhe perdoaria o desejo do prazer criminoso, do qual eu, antes, supusera-o capaz; eu teria achado curioso e singular que ele se divertisse em comprometer os pobres. Mas não lhe perdoarei nunca a inépcia de seu

cálculo. Não se é jamais desculpável ser-se mau, mas há algum mérito em saber que se é; o mais irreparável dos vícios é fazer o mal por burrice.

O JOGADOR GENEROSO

Ontem, no meio da multidão do boulevard, senti-me roçado por um Ser misterioso que sempre quis conhecer e a quem reconheci imediatamente, embora jamais o tivesse visto. Havia, sem dúvida, nele, em relação a mim, um desejo análogo, pois ele me deu uma piscada de olho significativa à qual apressei-me em obedecer. Segui-o atentamente e logo desci atrás dele para uma moradia subterrânea deslumbrante onde brilhava um tal luxo que nenhuma habitação acima em Paris poderia oferecer um exemplo aproximado. Pareceu-me singular que eu já tivesse passado tantas vezes ao lado desse prestigioso esconderijo sem adivinhar a entrada. Reinava ali uma atmosfera delicada, conquanto perturbadora que fazia esquecer quase instantaneamente todos os horrores aborrecidos da vida; respirava-se ali uma sombria beatitude, análoga à que deveriam sentir os comedores de lótus, quando desembarcando em uma ilha encantada, iluminada por clarões de uma eterna tarde, sentiam nascer neles, aos sons adormecedores de melodiosas cascatas, o desejo de nunca mais rever seus lares, suas esposas, seus filhos, e de nunca mais voltar a subir sobre as altas ondas do mar.

Havia lá estranhas faces de homens e mulheres marcadas por uma beleza fatal que me parecia ter visto em épocas e em países de que me era impossível lembrar exatamente, e que me inspiravam mais uma fraterna simpatia do que esse natural medo que nasce ordinariamente do aspecto do desconhecido. Se eu quisesse tentar definir de qualquer maneira a expressão singular de seus olhares, diria que jamais vi olhos brilhando mais energicamente do horror do tédio e do desejo imortal de se sentir viver.

Meu anfitrião e eu já estávamos, ao nos sentarmos, sentindo -nos velhos e perfeitos amigos. Comemos, bebemos exageradamente todas as espécies de vinhos extraordinários e, coisa não menos extraordinária, pareceu-me, depois de várias horas, que eu não estava mais bêbado do que ele. Entretanto, o jogo, este prazer sobre-humano, havia cortado em diversos intervalos nossas freqüentes libações, e devo dizer que eu havia jogado e perdido minha alma, em parte ligada à despreocupação e à falta de seriedade heróicas. A alma é uma coisa tão impalpável, freqüentemente tão inútil e às vezes incômoda que eu não experimentei, quanto a esta perda, senão um pouco menos de emoção do que sentiria caso tivesse perdido meu cartão de visitas num passeio.

Fumamos demoradamente alguns charutos cujo sabor e perfume incomparáveis davam à alma a nostalgia de países e felicidades desconhecidas e, inebriado por todas essas delícias, ousei, num acesso de familiaridade que não me pareceu desgostá-lo, gritar, apossando-me de uma taça cheia até a borda: “À vossa imortal saúde, velho Bode!”

Conversamos, também, sobre o universo, sua criação e sua futura destruição; sobre a grande idéia do século, isto é, do progresso e da sua perfectibilidade e, em geral, de todas as formas de presunção humanas. Sobre esse assunto, Sua Alteza não se calava, dizendo gracejos leves e irrefutáveis, exprimindo-se com uma suavidade de dicção e uma tranqüilidade no gracejo que

eu não encontrara em nenhum dos mais célebres conversadores da humanidade. Ele explicou-me o absurdo das diferentes filosofias que tinham, até o presentes se apossado do cérebro humano e dignou-se mesmo a me confidenciar alguns princípios fundamentais cujo benefício e propriedade não me convém compartilhar com ninguém. Não se queixou de modo algum da má reputação de que gozava em todas as partes do mundo, assegurando-me que era, ele próprio a pessoa mais interessada na destruição da superstição, e me confessou que nunca sentira medo relativamente ao próprio poder senão uma única vez. Foi no dia em que ouviu um pregador, mais sutil que os confrades, gritar do púlpito: “Meus caros irmãos, não esqueçais nunca, quando escutais glorificar o progresso das luzes, que a mais bela das artimanhas do diabo é de vos persuadir que ele não existe,”

A lembrança deste célebre orador nos conduziu naturalmente ao assunto das academias, e meu estranho conviva afirmou-me que ele não desdenhava, em muitos casos, inspirar a penas a palavra e a consciência aos pedagogos e que assistia, quase sempre em pessoa’ embora invisível, a todas as sessões acadêmicas.

Encorajado por tantas atenções pedi-lhe notícias de Deus e se o havia visto ultimamente. Ele me respondeu com um misto de despreocupação e uma certa tristeza: “Nós nos cumprimentamos, quando nos encontramos mas como dois velhos cavalheiros, nos quais uma polidez inata não poderia extinguir completamente a lembrança de antigos rancores.”

É duvidoso que Sua Alteza tenha jamais dado uma audiência tão grande a um simples mortal e eu temia estar abusando. Enfim, quando a aurora estremecedora já embranquecia as vidraças, este célebre personagem, cantado por tantos poetas e servido por tantos filósofos que trabalham para a sua glória, sem o saber, me disse: ‘Quero que você guarde de mim uma boa lembrança, e desejo provar-lhe que eu, de quem falam tanto mal, sou às vezes bom diabo, para me servir de uma de vossas expressões vulgares. Para compensar a perda irremediável que você teve de sua alma, eu lhe propicio a aposta que você teria ganho se a sorte estivesse do seu lado, isto é, a possibilidade de se reconfortar e de vencer durante toda a sua vida essa bizarra sensação de tédio que é a fonte de todas as suas doenças e de todos os seus miseráveis progressos. Jamais haverá um desejo imaginado por você que eu não o ajude a realizar; você reinará sobre seus vulgares semelhantes, você será abarrotado de adulações e até de adorações; a prata, o ouro, o diamante, os palácios feéricos, virão procurá-lo e rogar-lhe aceitá-los sem que você tenha feito qualquer esforço para obtê-los; você mudará de pátria e de região tantas vezes quantas suas fantasias lhe ordenarem; você se embriagará de volúpia, sem lassidão, em países charmosos onde sempre fará calor e as mulheres são tão perfumadas quanto as flores — a cetera, et cetera..., acrescentou ele levantando-se e despedindo-se de mim com um bom sorriso.

Se não fosse o medo de me humilhar diante de tamanha assembléia, eu teria, voluntariamente, caído aos pés desse jogador generoso para agradecer sua espantosa magnanimidade. Mas pouco a pouco, depois que o deixei, a incurável desconfiança entrou em meu peito; eu não ousava mais acreditar em tão prodigiosa felicidade, e, ao deitar-me, fazendo minha prece num resto de hábito imbecil, repeti em semi-sonolência: “Deus meu! Senhor meu Deus, faça com que o diabo mantenha sua palavra!”

XXX

A CORDA

A Édouard Manet

"As ilusões", dizia meu amigo, "são tão inumeráveis talvez quanto as relações dos homens entre si ou entre os homens e as coisas. E quando a ilusão desaparece quer dizer, quando nós vemos o ser real ou o fato tal qual ele é, fora de nós, experimentamos um estranho e complicado sentimento, metade pesar pelo fantasma desaparecido metade surpresa agtadável diante da novidade do fato real. Se existe um fenômeno evidente, trivial, sempre igual, de cuja natureza é impossível enganar-se é o amor materno. É tão difícil conceber uma mãe sem amor materno quanto uma luz sem calor; não é perfeitamente legítimo atribuir-se ao amor materno todas as ações e as palavras de uma mãe relativas ao seu filho? E, entretanto, escutem esta pequena história, onde eu fui mistificado pela mais natural ilusão.

"Minha profissão de pintor leva-me a olhar atentamente rostos, as fisionomias que cruzam o meu caminho e vocês bem sabem que alegria nós tiramos dessa faculdade que torna, a nossos olhos, a vida mais viva e mais significativa que para os outros homens No quarteirão recuado onde moro e onde vastos espaços gramados ainda separam os edifícios, eu observava freqüentemente um menino cuja fisionomia ardente e esperta, mais do que as de todos os outros, me seduziu imediatamente. Ele posou mais de uma vez para mim e eu o transformei tanto em um pequeno boêmio quanto em um anjo, ou em Amor mitológico. Eu o fiz segurar um violino de vagabundo, a Coroa de Espinhos, os Cravos da Paixão e a Tocha de Eros. Senti tanto prazer com as graças desse menino que um dia pedi a seus pais, gente pobre, que me cedessem a sua criação, prometendo vesti-lo bem, dar-lhe algum dinheiro e não impor qualquer trabalho, senão limpar meus pincéis e fazer minhas compras e pagamentos. Essa criança, depois de limpa, tornou-se encantadora, e a vida que ele levava em minha casa parecia-lhe um paraíso, comparativamente àquela que ele tinha no casebre paternal. Apenas eu devo dizer que esse guri me espantava, às vezes por crises singulares de tristeza precoce e que ele cedo manifestou gosto imoderado pela ingestão de açúcar e licores, se bem que, um dia, quando constatei que, malgrado minhas numerosas advertências, ele cometera pequenos furtos desse gênero, ameacei-o devolvê-lo aos pais. Depois saí, e meus afazeres retiveram—me bastante tempo fora de casa.

"Qual não foram o meu horror e espanto quando, voltando à casa, o primeiro objeto que me chocou o olhar foi o de ver meu garoto, o travesso companheiro de minha vida, enforcado na porta do armário Seus pés quase tocavam o chão, unta cadeira que ele —sem dúvida — havia empurrado com o pé, estava caída a seu lado, A cabeça dele estava inclinada convulsivamente sobre a sua espádua; seu tosto inchado e os olhos enormes abertos, numa fixidez assustadora, me causaram inicialmente uma ilusão de vida. Tirá-lo daquela posição de enforcado não foi uma tarefa tão fácil quanto se possa crer. Ele já estava rígido e eu tive uma inexplicável

repugnância em fazê-lo cair bruscamente no chão. Era preciso sustentá-lo completamente com um braço e, com a mão do outro braço, cortar a corda. Mas feito isto, tudo ainda não estava terminado; o pequeno monstro havia se servido de um barbante muito fino que entrara profundamente em suas carnes e era, então, necessário, com finas tesouras, encontrar a corda entre os tecidos inchados, para libertar-lhe o pescoço.

“Deixei de dizer-lhes que clamei por socorro, mas todos os meus vizinhos recusaram-se a me ajudar; fiéis nesses casos aos hábitos dos homens civilizados que não querem nunca, não sei por que, envolver-se em assuntos de um enforcado. Por fim, veio um médico que declarou que o menino estava morto há algumas horas. Quando, mais tarde, fomos retirar suas roupas para o enterro, a rigidez cadavérica era tal que, desesperando de fletir os membros, precisamos dilacerar e cortar as vestes para retirá-las.

“O comissário, a quem naturalmente, tive que declarar o acidente, olhou-me de lado e disse: ‘Vejo algo de suspeito’ movido, sem dúvida, por desejo inveterado e um hábito profissional de causar medo, indiferentemente, a inocentes e culpados.

“Restava uma tarefa suprema a cumprir que só de pensar causava-me uma terrível angústia: era preciso avisar os pais.

Meus pés recusavam-se a me conduzir. Por fim, tive coragem, mas para meu grande espanto a mãe ficou impassível, nenhuma lágrima surgiu nos cantos de seus olhos. Atribuí esta estranha reação ao horror mesmo que ela estava experimentando e lembrei-me de um dito conhecido: ‘as mais terríveis dores são as dores mudas’. Quanto ao pai, contentou-se em dizer com ar meio embrutecido, meio pensativo: ‘Afinal talvez tenha sido melhor assim. Ele acabaria sempre mal!’

“Enquanto isso o corpo estava estendido sobre o meu divã e, assistido por uma empregada, ocupava-me dos últimos preparativos quando a mãe entrou em meu ateliê. Ela queria, disse ela, ver o cadáver do filho. Na verdade eu não podia impedi-la de se embriagar com a sua infelicidade e recusar aquela suprema e sombria consolação. Em seguida pediu-me que lhe mostrasse o lugar onde seu filho se enforcara, ‘Oh! Não, minha senhora’, respondi-lhe eu. ‘Isso lhe fará mal!’ E como meus olhos involuntariamente se dirigissem ao fúnebre armário, percebi, com um desgosto misturado com horror e cólera, que o prego ainda estava cravado na parede, com um longo pedaço da corda que ainda pendia. Apressei-me em recolher estes últimos vestígios da infelicidade e, quando ia jogar tudo fora pela janela aberta, a pobre mulher segurou meu braço e me falou com voz irresistível: ‘Oh! meu senhor! Dê me isto. Eu lhe peço! Eu lhe suplico!’ Seu desespero tinha-lhe, sem dúvida, de tal forma enlouquecido, que ela se tomou de ternura pelo que havia servido de instrumento da morte do filho e queria guardá-lo como horrível e querida relíquia. E apossou-se do prego e do barbante.

“Enfim tudo acabou. Nada me restava senão voltar ao meu trabalho, mais vivamente ainda do que habitualmente para afastar, pouco a pouco, esse pequeno cadáver que assombrava as circunvoluções do meu cérebro e cujo fantasma me fatigava com seus grandes olhos fixos. Mas, no dia seguinte, recebi um pacote de cartas; umas dos locatários do meu edifício, algumas outras de casas vizinhas, uma do primeiro andar, outra do segundo, outra do terceiro, e assim por diante; uma de estilo prazenteiro, como procurando disfarçar, sob um aparente

gracejo, a sinceridade do pedido, as outras, atrevidas e sem ortografia, mas, todas, com o mesmo fim, isto é, obter de mim um pedaço da funesta corda beatificada, Entre os signatários, devo dizer, havia mais mulheres do que homens; mas todos, acreditem, não pertenciam a classes inferiores ou vulgares; guardei essas cartas.

“Então, subitamente, um clarão se fez em meu cérebro e compreendi por que a mãe fazia tanta questão de me arrancar o barbante com cujo comércio pretendia se consolar.”

AS VOCAÇÕES

Em um belo jardim onde os raios de um sol de outono pareciam demorar-se de propósito sob um já esverdeado em que as nuvens de ouro flutuavam como continentes em viagem quatro belos meninos, quatro jovens, sem dúvida cansados de brincar, conversavam entre eles.

Dizia um: “Ontem levaram-me ao teatro. Nos grandes e tristes palácios, ao fundo dos quais via-se o mar e o céu, homens e mulheres sérios e tristes, porém bem mais belos e mais bem vestidos do que os que nós vemos comumente, falam com uma voz cantante. Eles ameaçam-se, suplicam-se, desolam-se e apóiam freqüentemente suas mãos sobre um punhal metido na cintura. Ah! Mas é muito bonito! As mulheres são bem mais belas e bem maiores que essas que vêm nos ver em casa e, embora tivessem os grandes olhos fundos e suas faces irritadas mostrando um ar terrível, não se podia impedir de amá-las. Tinha-se medo, tinha-se vontade de chorar e, entretanto, estava-se contente... E depois, o que é mais singular, surgia uma vontade de estar vestido como eles, de dizer e fazer as mesmas coisas e de falar com a mesma voz...”

Um dos quatro jovens, que há já alguns segundos não mais escutava o discurso de seu camarada e observava com fixidez espantosa não sei qual ponto do céu, disse, de repente: “Olhem, olhem lá... Vêem-no vocês? Ele está sentado sobre aquela pequena nuvem isolada, aquela pequena nuvem de fogo que se move lentamente. Ele, também, dir-se-ia que nos olha.”

“Mas quem?”, perguntaram os outros.

“Deus”, respondeu ele com um acento de completa convicção. “Ah! Ele já está bem longe; daqui a pouco vocês não poderão mais vê-lo. Sem dúvida ele viaja para visitar todos os países. Atenção, ele vai passar por trás daquela fila de árvores que está quase no horizonte.., e agora desce atrás do sino da Igreja.... Ah! Agora não se vê mais”. E o rapaz ficou virado para o mesmo lado, fixando, sobre a linha que separa a terra do céu, olhos onde brilhava uma inexprimível expressão de êxtase e de lástima.

“Como ele é bobo, esse cara, com seu bom Deus que só ele pode perceber!”, diz então o terceiro cuja pequena estatura era marcada por vivacidade e vitalidade singulares. “Eu vou lhes contar como me aconteceu algo que nunca aconteceu com vocês e que é um pouco mais interessante do que seu teatro e suas nuvens. Há alguns dias meus pais levaram-me em uma viagem com eles e, como no albergue onde paramos não havia leitos para todos nós, decidiram que eu dormiria na mesma cama que minha ama.” Ele puxou então seus camaradas para mais perto e disse, em voz mais baixa:

“Isso resultou em um singular efeito, olhem só, não ir dormir sozinho e estar no leito com sua babá, no escuro. Como eu não conseguia dormir, divertia-me enquanto ela dormia, passando

as mãos sobre seus braços, sobre seu pescoço e sobre seus ombros. Ela tem os braços e o pescoço bem maiores que todas as outras mulheres e a pele é tão macia, tão macia, que se poderia dizer de papel de carta ou papel de seda. Tive tanto prazer que continuaria por muito tempo se não tivesse medo de acordá-la, inicialmente, e medo não sei de quê. Em seguida, enfiei minha cabeça em seus cabelos que pendiam sobre seu dorso, espessos como crina de cavalo e eles exalavam um perfume tão bom, asseguro, quanto as flores do jardim, agora. Tentem, quando puderem, fazer o mesmo que eu fiz e vocês verão!”

O jovem autor dessa prodigiosa revelação tinha, enquanto fazia o seu relato, os olhos arregalados por uma espécie de estupefação pelo que havia experimentado então, e os raios do sol poente deslizavam através dos anéis ruivos de sua cabeleira arrepiada, iluminavam nela uma espécie de auréola sulfurosa de paixão. É fácil adivinhar que ele não perderia sua vida procurando a Divindade nas nuvens e que ele a encontraria freqüentemente em outros lugares.

Finalmente o quarto disse: “Vocês sabem que eu não me divirto muito em casa, não me levam a espetáculos; meu tutor é muito avaro; Deus não se ocupa de mim, do meu tédio. E eu não tenho uma bela ama para me mimar. Freqüentemente me parecia que meu prazer seria seguir sempre em frente, sem saber para onde, sem que ninguém se inquietasse e ver sempre países novos. Eu nunca estou bem em lugar nenhum e creio sempre que estaria melhor em outro lugar do que no que estou. Bem, eu vi, na última feira da cidade vizinha, três homens que vivem como eu gostaria de viver. Vocês nunca prestaram atenção a isso. Eles eram grandes, quase negros e muito orgulhosos, apesar de andrajosos, com um ar de não precisar de ninguém. Seus grandes olhos sombrios tornavam-se brilhantes quando tocavam músicas; uma música tão surpreendente que dava vontade ora de dançar, ora de chorar, ou de fazer as duas coisas ao mesmo tempo, e que nos faria enlouquecer se as ouvíssemos por muito tempo. Um, ao deslizar o arco sobre o seu violino, parecia narrar uma mágoa, e o outro, percutindo com o pequeno martelo as cordas de seu pianinho pendurado no pescoço por uma correia, tinha o ar de caçoar do lamento do seu vizinho, enquanto o terceiro batia de vez em quando em seus címbalos com extrema violência. Eles estavam tão contentes com eles mesmos que continuavam a tocar sua música de selvagens, mesmo depois que a multidão se dispersou. Por fim recolheram as moedas, colocaram as bagagens sobre os ombros e partiram. Eu, querendo saber onde moravam, segui-os de longe, até a margem da floresta, onde compreendi, somente então, que eles não moravam em lugar nenhum.

Então um disse: “Vamos, é preciso armar a tenda!”

“Por mim não”, respondeu o outro, “está uma bela noite!” O terceiro disse, contando a receita: “Essa gente não sente a música e suas mulheres dançam como ursos. Felizmente dentro de um mês estaremos na Áustria, onde encontraremos gente mais amável.”

“Nós faríamos coisa melhor, talvez, se fôssemos para a Espanha, por causa da estação que vem; fuja antes das chuvas e não molhemos senão nossas goelas”, disse um dos dois outros.

“Guardei tudo, como podem ver”. Em seguida cada um deles bebeu uma taça de aguardente e adormeceram, de cara virada para as estrelas. Tive vontade de lhes pedir que me levassem

com eles e me ensinassem a tocar seus instrumentos, mas não ousei, sem dúvida porque é muito difícil decidir-se a fazer qualquer coisa e, também, porque tive medo de ser apanhado antes de estar fora da França.”

O ar desinteressado dos três outros camaradas me fez pensar que esse jovem já era um incompreendido. Olhei-o, atentamente; ele tinha nos olhos e na fronte um não sei quê de precocemente fatal, que afasta geralmente a simpatia, e, não sei por quê, excitou a minha, a ponto de ter, por um instante, a idéia bizarra de que eu poderia ter um irmão, por mim desconhecido.

O sol já tinha se deitado. A noite solene tomara o seu lugar. Os jovens se separaram, cada um indo para seu lado, segundo as circunstâncias e os acasos, amadurecer seu destino, escandalizar os parentes e gravitar no sentido da glória ou da desonra.

O TIRSO

A Franz Liszt

O que é um tirso? Segundo o senso moral e poético, é um emblema sacerdotal na mão de padres ou freiras que celebram a divindade da qual são intérpretes e servidores. Mas, fisicamente, não é mais do que um bastão, um simples bastão, ramo de lúpulo, tutor de parreira, seco, duro e reto. Em volta desse bastão, de seus caprichosos meandros, caules e flores brincam e divertem-se, os primeiros sinuosos e fugidios, as segundas penduradas como sinos ou taças viradas. E uma glória espantosa brota dessa complexidade de linhas e de cores, tenras ou brilhantes. Não se poderia dizer que a linha curva e a espiral cortejam a linha reta e dançam em torno dela em uma adoração muda? Não se poderia dizer que todas essas corolas delicadas, todos esses cálices, explosões de perfumes e de cores executam um místico pagode em torno do bastão hierático? Entretanto qual é o mortal imprudente que ousará decidir se as flores e os caules foram feitos para o bastão ou se o bastão não é senão um pretexto para mostrar a beleza das parras e das flores? O tirso é a representação de vossa espantosa dualidade, mestre poderoso e venerado, caro Bacante da Beleza misteriosa e apaixonada. Jamais uma ninfa exasperada pelo invencível Baco deixou de sacudir seu tirso sobre as cabeças de suas companheiras endoidecidas com tanta energia e capricho quanto você agita seu gênio sobre os corações de seus irmãos. O bastão é a sua vontade reta, firme e inabalável; as flores são o passeio da fantasia ao redor de sua vontade; o elemento feminino executando, em torno do macho, suas piruetas prestigiosas. Linha reta e linha arabesca, intenção e expressão, rigidez da vontade, sinuosidade do verbo, unidade do fim, variedade dos meios, amálgama todo-poderosa e indivisível do gênio, que analista teria a detestável coragem de vos dividir e de vos separar?

Caro Liszt, através das brumas, além dos rios, acima das cidades onde os pianos cantam vossa glória, onde as impressoras traduzem vossa sabedoria, em qualquer lugar que estejais, no esplendor da cidade eterna ou nas brumas de países sonhadores que Gambrinus consola, improvisando cantos de deleite ou de inefável dor, ou confiando ao papel vossas meditações abstrusas, cantos de Volúpia e de Angústia eternos, filósofo, poeta e artista, eu vos saúdo na imortalidade.

*tirso

(latim thyrsus, -i, haste das plantas)

s. m.

1. Curto venábulo adornado de pâmpanos e hera e terminado em pinha que as bacantes traziam na mão.

2. Insígnia de Baco.

3. Bot. Disposição das flores em forma de pirâmides ou panícula cônica como no castanheiro, no lilás, etc.

(Dic. Priberam)

XXXIII

EMBEBEDAI-VOS

É preciso estar-se, sempre, bêbado. Tudo está lá, eis a única questão. Para não sentir o fardo do tempo que parte vossos ombros e verga-vos para a terra, é preciso embebedar-vos sem tréguas.

Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, a escolha é vossa. Mas embebedai-vos

E se, às vezes, sobre os degraus de um palácio, sobre a grama verde de uma vala, na solidão morna de vosso quarto, vós vos acordardes, a embriaguez já diminuída ou desaparecida, perguntai ao vento, à onda, à estrela, ao pássaro, ao relógio, a tudo o que passa, a tudo o que geme, a tudo o que rola, a tudo o que canta, a tudo o que fala, perguntai que horas são; e o vento, a onda, a estrela, o pássaro, o relógio, vos responderão: “É hora de embebedar-vos! Para não serdes escravos martirizados do Tempo, embebedai-vos, embebedai-vos sem parar! De vinho, de poesia ou de virtude: a escolha é vossa.”

JÁ!

Cem vezes já o sol saltou, radioso ou entristecido, dessa cuba imensa do mar cujos bordos apenas deixam-se perceber; cem vezes ele voltou a mergulhar cintilante ou moroso, em seu banho da noite. Há muitos dias nós poderíamos contemplar o outro lado do firmamento e decifrar o alfabeto celeste dos antípodas. E cada um dos passageiros gemeria e grunhiria. Diz-se que a aproximação da terra exasperava seu sofrimento. “Então quando?”, diziam eles, “cessaremos nós de dormir um sono sacudido pelas vagas, perturbado por um vento que ronca mais alto que nós? Quando poderemos digerir em uma poltrona imóvel?”

Havia os que pensavam em seus lares, saudosos de suas esposas ínfieis e aborrecidas e de sua progenitura barulhenta. Todos estariam tão ensandecidos pela imagem da terra ausente que iriam, creio eu, comer capim com mais entusiasmo do que os animais.

Enfim uma margem foi identificada e nós vimos, ao nos aproximarmos que era uma terra magnífica, deslumbrante.

Parecia que as músicas da vida se desprendiam em um vago murmúrio e que de tais costas, ricas em verduras de todos os tipos, exalava um perfume delicioso de flores e frutas.

Imediatamente cada um ficou alegre, cada um abdicou de seu mau humor. Todas as querelas foram esquecidas e todos os recíprocos defeitos perdoados; os duelos combinados foram apagados da memória e os rancores desapareceram como fumaça.

Só eu estava triste, inconcebivelmente triste. Parecido com um padre a quem se tivesse arrancado sua divindade, não podia, sem uma desoladora amargura, afastar-me desse mar monstruosamente sedutor, desse mar to infinitamente variado em sua assustadora simplicidade e que parecia conter nele e representar por seus jogos e disposições, suas cóleras e seus sorrisos, os humores, as agonias e os êxtases de todas as almas que viveram, vivem ou viverão!

Dizendo adeus a essa incomparável beleza, sentia-me abatido até a morte e, por isso, quando cada um de meus companheiros dizia: “Enfim”, eu só podia gritar: “Já!”

Entretanto era a terra, a terra com seus ruídos, paixões, comodidades, suas festas. Era uma terra rica e magnífica, cheia de promessas, que nos enviava um misterioso perfume de rosas e de almíscar e de onde as músicas da vida nos chegavam em um amoroso murmúrio.

AS JANELAS

Quem olha, de fora, através de uma janela aberta, não vê jamais tantas coisas quanto quem olha uma janela fechada. Não há objeto mais profundo, mais misterioso, mais fecundo, mais tenebroso, mais deslumbrante do que uma janela iluminada por uma vela, O que se pode ver à luz do sol é sempre menos interessante do que o que se passa atrás de uma vidraça. Nesse buraco negro ou luminoso vive a vida, sonha a vida, sofre a vida.

Além das vagas do teto, percebo uma mulher madura, enrugada mesmo, pobre, sempre inclinada sobre qualquer coisa e que nunca sai de casa. Por seu rosto, por seus vestidos, por seus gestos, por quase nada eu refaço a história dessa mulher, oti antes, sua legenda e, às vezes, conto a mim mesmo, chorando, essa história.

Se tivesse sido um pobre velho, eu, também, refaria a dele, facilmente.

E me deito orgulhoso de ter vivido e sofrido nos outros como se fosse em mim mesmo.

Talvez vocês me dirão “Estás certo de que esta fábula seja verdadeira?” Que importa o que possa ser a realidade situada fora de mim, se ela me ajuda a viver, a sentir que existo e o que sou?

O DESEJO DE PINTAR

Infeliz, talvez, seja o homem, mas feliz é o artista a quem o desejo dilacera!

Fico louco de vontade de pintar aquela que me aparece tão raramente e foge tão depressa quanto uma coisa bela, inesquecível, atrás do viajante levado pela noite. E já faz tempo que ela desapareceu!

Ela é bela e, mais que bela, é surpreendente. Nela o negror é abundante: e tudo o que ela inspira é noturno e profundo. Seus olhos são duas cavernas onde cintila, vagamente, o mistério, e seu olhar ilumina como um relâmpago; é uma explosão nas trevas.

Eu a Compararia a um sol negro, se se pudesse conceber um astro negro vertendo luz e felicidade. Mas ela faz mais facilmente pensar na lua, que, sem dúvida, a marcou com sua terrível influência; não a lua branca dos idílios, que parece uma fria noiva, mas a lua sinistra e embriagada, suspensa ao fundo duma noite tempestuosa, empurrada pelas nuvens que correm; não a lua pacífica e discreta que visita o sono dos homens puros; mas a lua arrancada do céu, vencida e revoltada, que as Feiticeiras tessalianas constroem duramente a dançar sobre a relva aterrorizada!

Em sua pequena fronte habitam a tenaz vontade e o amor à presa. Entretanto, sob esse aspecto inquietante, onde as narinas móveis aspiram o desconhecido e o impossível, brilha, com inexprimível graça, o riso de uma grande boca vermelha e branca e deliciosa que faz sonhar o milagre de uma soberba flor que desabrocha em um terreno vulcânico.

Há mulheres que inspiram o desejo de vencê-las e de divertir-se com elas, mas essa dá vontade de morrer lentamente sob seu olhar.

OS FAVORES DA LUA

A Lua, que é o próprio capricho, olhou através da janela enquanto dormias em teu berço e se disse: “Essa criança me agrada.”

E desceu suavemente sua escada de nuvens e passou, sem qualquer barulho, através da vidraça. Depois, esticou-se sobre ti com a macia ternura de uma mãe e depositou suas cores sobre a tua face. Tuas pupilas permaneceram verdes e tuas faces extremamente pálidas. Foi contemplando essa visitante que teus olhos cresceram de modo bizarro; e ela tão ternamente te apertou a garganta para que tu guardasses, para sempre, a vontade de chorar.

Entretanto, na expansão de sua alegria, a Lua encheu o quarto com uma atmosfera fosfórica, como um veneno luminoso. E toda essa luz vivente pensava e dizia: “Sofrerás eternamente a influência de meu beijo: serás bela, à minha maneira. Amarás o que eu amo e os que me amam: a água, as nuvens, o silêncio e a noite; o mar imenso e verde; a água informe e multiforme; o lugar onde não estarás, o amante que não conheces as flores monstruosas; os perfumes que fazem delirar; Os gatos que desfalecem sobre os pianos e gemem como mulheres, com uma voz rouca e doce!”

“E serás amada por meus amantes, cortejada pelos meus cortesãos. Serás a rainha dos homens de olhos verdes, cujas gargantas também apertei em minhas carícias noturnas; daqueles que amam o mar, o mar imenso, tumultuado e verde, a água informe e multiforme, o lugar onde não estão, a mulher que não conhecem, as flores sinistras que parecem incensórios de uma religião desconhecida, os perfumes que perturbam a vontade e os animais selvagens e voluptuosos que são emblemas de sua loucura.”

E é por isso, maldita querida criança mimada que estou, agora deitado a teus pés te procurando em toda a tua pessoa o reflexo da terrível divindade, da fatídica madrinha, da nutriz envenenadora de todos os lunáticos.

QUAL É A VERDADEIRA?

Conheci uma certa Benedicta que enchia a atmosfera de ideal, cujos olhos difundiam o desejo de grandeza, de beleza, de glória e de tudo o que fazia crer na imortalidade.

Mas essa moça miraculosa era bela demais para viver muito tempo, tanto que morreu alguns dias depois que eu a conheci, e fui eu mesmo que a enterrei, um dia em que a primavera agitava seu incensório até dentro dos cemitérios. Fui eu quem a enterrou, bem fechada em um caixão de madeira perfumada e incorruptível como os cofres das Índias.

E como meus olhos estavam fixados no lugar onde estava escondido o meu tesouro, vi, subitamente, uma pessoa pequena que singularmente parecia-se com a defunta e que calcava com os pés a terra fresca, com uma violência histérica e bizarra, dizendo às gargalhadas: “Sou eu a verdadeira Benedicta! Sou eu, uma famosa canalha! E para punição de tua loucura e de tua cegueira, hás de me amar tal como sou!”

Mas eu, furioso, respondi: “Não, não, não!” E para acentuar mais minha repulsa, calquei tão violentamente a terra que minha perna afundou até o joelho na sepultura recente e, como um lobo preso em uma armadilha, permaneço ligado, para sempre talvez, à cova do ideal.

UM CAVALO DE RAÇA

Ela é bem feia. Portanto deliciosa.

O Tempo e o Amor marcaram-na com suas garras e ensinaram-lhe, cruelmente, o que cada minuto, cada beijo tiram de juventude e de frescor.

Ela é, verdadeiramente, feia; ela é formiga, aranha, se você quiser, um esqueleto mesmo, mas também é bebida, magistério, feitiçaria Em suma ela é deliciosa.

O Tempo não pôde romper a harmonia crepitante de seu andar, nem a elegância indestrutível de sua estrutura. O Amor não alterou a suavidade do seu hálito de criança; e o Tempo nada roubou de sua abundante cabeleira de onde exala, em perfumes selvagens, toda a vitalidade endiabrada do Meio-Dia francês: Nîmes, Aix, Arles, Avignon, Narbonne, Toulouse, cidades benditas pelo sol, amorosas e charmosas!

O Tempo e o Amor morderam-na em vão, com vontade; eles em nada diminuíram o vago charme, mas eterno, de seu peito juvenil.

Talvez usada, mas não fatigada e sempre heróica, ela faz lembrar esses cavalos de grandes raças, que o olho do verdadeiro perito amador reconhece, mesmo atrelados a uma carroça de aluguel ou a um veículo de carga.

E depois ela é tão doce, tão ardente. Ela ama como se ama no outono; dir-se-ia que a aproximação do inverno acendeu em seu coração um fogo novo, e o servilismo de sua ternura nada tem de fatigante.

XL

O ESPELHO.

Um homem pavoroso entra e mira-se no espelho:

“Por que você se olha no espelho já que não se pode ver senão com desgosto?”

O homem pavoroso respondeu: “Meu senhor, segundo os imortais princípios de 89, todos os homens são iguais em seus direitos; portanto possuo o direito de me contemplar, com prazer ou desgosto, isso não diz respeito senão à minha consciência.”

Em nome do bom senso, eu tinha, sem dúvida, razão; mas do ponto de vista da lei, ele não estava errado.

O PORTO

Um porto é um lugar charmoso para uma alma fatigada das lutas da vida. A amplitude do céu, a arquitetura móvel das nuvens, as colorações mutantes do mar, a cintilação dos faróis são um prisma maravilhosamente próprio para agradar aos olhos sem jamais os cansar. As formas projetadas dos navios, de aparelhagens complicadas, às quais as ondas imprimem oscilações harmoniosas, servem para manter na alma um gosto pelo ritmo e pela beleza. Além disso, sobretudo, há uma espécie de prazer misterioso e aristocrático para todo aquele que não tem mais nem curiosidade, nem ambição, em contemplar, deitado em um terraço ou de cotovelos na balaustrada, todos esses movimentos dos que partem e dos que voltam, dos que ainda tem a força de querer, o desejo de viajar ou de enriquecer.

RETRATOS DE AMANTES

Em um reservado de homens, quer dizer, uma sala de fumar, contíguo a um elegante cassino, quatro homens fumavam e bebiam. Eles não eram, precisamente nem velhos nem moços, nem belos nem feios, mas, velhos ou moços, mostravam certa distinção, não reconhecível nos veteranos do prazer, esse indescritível não sei quê, essa tristeza fria, zombeteira, que dizia claramente: “Nós temos vivido muito e procuramos o que podemos amar e estimar.”

Um deles conduziu a conversa para o assunto mulheres, Teria sido mais filosófico não falar de nada; mas há gente de espírito que, depois de beber, não despreza conversações banais. Escuta-se, então, aquele que fala, como se ouvisse uma música de dança.

“Todos os homens”, dizia ele, “tiveram sua idade de Querubim: é a época onde, na falta de ninfas, beija-se, sem repugnância o tronco dos carvalhos. É o primeiro grau do amor. No segundo grau, começa-se a escolher. Poder deliberar é já uma decadência. É, então, que se procura decididamente, a beleza. Eu, meus senhores, considero uma glória ter chegado, há muito tempo, à época climatérica do terceiro grau, onde a própria beleza não é mais suficiente, se não é ajudada pelo perfume, os enfeites, etc. Eu confessaria mesmo que aspiro, às vezes, a uma felicidade desconhecida, a um certo quarto grau que deve marcar a calma absoluta. Mas, durante toda a minha vida, exceto na idade de Querubim, fui mais sensível que qualquer outro à enervante burrice, à irritante mediocridade das mulheres. O que amo, sobretudo nos animais, é sua candura, Julguem, então, quanto devo ter sofrido por causa da minha última amante.

“Era a bastarda de um príncipe. Bela, isso é óbvio; sem isso por que teria eu ficado com ela? Mas ela estragava essa grande qualidade por uma ambição inconveniente e disforme. Era uma mulher que sempre queria ser o homem. ‘Você não é um homem! Ah, se eu fosse homem! De nós dois sou eu o homem!’ Tais eram os insuportáveis refrões que safam daquela boca de onde eu não gostaria que saíssem senão canções. A propósito de um livro, de um poema, de uma ópera, sobre a qual eu deixasse escapar minha admiração: ‘Você se acha um perito nisso?’, dizia ela, imediatamente. ‘Você se acha um bom conhecedor do assunto?’, e ela argumentava.

“Um belo dia meteu-se na química, de sorte que entre minha boca e a dela, encontrei, a partir de então, uma verdadeira máscara de vidro. Com tudo isso, muito pretensiosa. Se, alguma vez, eu a perturbava com um gesto amoroso demais, ela ficava convulsa como uma sensitiva violada...”

“Como isso terminou?”, perguntou um dos outros três. “Nunca o imaginei tão paciente.”

“Deus, respondeu ele, pôs o remédio no mal. Um dia, encontrei essa Minerva, esfomeada de força ideal, em conversa íntima com meu empregado e numa atitude tal que me obrigou a

retirar-me discretamente para não os fazer enrubescer. À noite, despedi os dois pagando os salários atrasados.

“De minha parte”, retornou o que havia interrompido, “não tenho do que me queixar, senão de mim mesmo. A felicidade veio habitar comigo e não a reconheci. O destino me tinha, nesses últimos tempos, concedido a alegria de uma mulher que era a mais doce, a mais submissa e a mais devotada das criaturas e sempre pronta! e sem entusiasmo! ‘Eu quero isto, pois que lhe agrada’. Essa era sua resposta habitual. Se você desse cajadadas nesta parede ou neste sofá, conseguiria mais suspiros do que do peito de minha amante, nos movimentos mais esforçados do amor. Depois de um ano de vida em comum, ela me confessou que jamais sentira prazer. Eu me aborreci desse duelo desigual, e essa mulher incomparável casou-se. Tive, mais tarde, a fantasia de revê-la e ela me disse mostrando-me seus belos seis filhos: ‘Pois é, querido amigo! a esposa está, ainda, tão virgem quanto o era sua amante’, Nada mudara naquela pessoa. Às vezes arrependo-me de não ter casado com ela.

Os outros se puseram a rir, e um terceiro disse, por sua vez:

“Senhores, eu conheci alegrias que, talvez, vocês tenham negligenciado. Quero falar do cômico no amor, e de um cômico que não exclui a admiração. Admirei minha última amante mais do que vocês puderam, creio eu, amar ou odiar as suas. E todos a admiravam tanto quanto eu. Quando entrávamos em um restaurante, ao fim de alguns minutos, todos se esqueciam de comer para contemplá-la. Os próprios garçons e a moça do balcão sentiam esse êxtase contagioso a ponto de esquecer seus deveres, Numa palavra, vivi algum tempo junto a esse fenômeno vivo. Ela comia, mastigava, mordida, devorava, engolia, mas com o ar mais leve e despreocupado do mundo. Ela manteve-me, assim, em êxtase um longo tempo. Tinha um modo doce, sonhador, inglês e romântico de dizer:

‘Estou com fome!’ E repetia essas palavras dia e noite mostrando os dentes mais lindos do mundo, com que vocês poderiam comover-se e divertir-se ao mesmo tempo. Poderia ter feito minha fortuna mostrando-a nas feiras como o monstro polifágico. Eu a nutria bem; e entretanto ela me deixou..”

“Por um fornecedor de víveres, sem dúvida?”

“Algo parecido, uma espécie de empregado na intendência que, por um golpe de mágica conhecido somente dele, forneceu, talvez, a essa pobre criança, a ração de vários soldados. É, pelo menos, o que suponho.”

“Eu, disse o quarto, suportei sofrimentos atrozes, pelo oposto do que se reprova, em geral, à fêmea egoísta. Eu os vejo inoportunos, afortunados mortais, a se queixarem das imperfeições de suas amantes!”

Isso foi dito, num tom sério, por um homem de aspecto calmo e repousado, com a fisionomia quase clerical, infelizmente iluminada por olhos de um cinza claro, que parecem dizer: “Eu quero!” ou: “É preciso” ou então: “Nunca perdôo!”

Se, nervosos como eu os conheço: você, G..., covarde e leviano como você é, vocês dois, K... e J..., se vocês tivessem se juntado a uma certa mulher de meu conhecimento, ou vocês teriam

fugido ou estariam mortos. Eu sobrevivi, como vocês vêem. Imaginem uma pessoa incapaz de cometer um erro de sentimento ou de cálculo; imaginem uma serenidade deplorável de caráter; um devotamento sem comédia e sem ênfase, uma doçura sem fraqueza; uma energia sem violência. A história de meu amor parece uma interminável, viagem sobre uma superfície pura e polida como um espelho, vertiginosamente monótona, que refletiria todos os meus sentimentos e meus gestos com a exatidão irônica de minha própria consciência, de sorte que eu não podia permitir-me um gesto ou um sentimento insensato sem perceber, imediatamente, a censura muda de meu inseparável espectro. O amor me parecia uma tutela. Quantas bobagens ela me impediu de fazer e que eu me arrependo de não haver cometido.’ Quantas dívidas paguei, malgrado meu Ela me privava de todos os benefícios que eu pudesse tirar de meus caprichos. Para cúmulo do horror, ela não exigia reconhecimento, passado o perigo. Quantas vezes me sustive de saltar-lhe ao pescoço gritando: “Seja imperfeita, miserável! a fim de que eu possa te amar sem inquietação e sem cólera.” Durante muitos anos eu a admirei, com o coração cheio de ódio. Enfim, não sou eu que estou morto.”

“Ah! disseram os outros, ela então está morta?”

“Sim, isso não podia continuar assim. O amor tornou-se, para mim, um pesadelo opressivo. Vencer ou morrer, como diz a política, tal era a alternativa que o destino me impunha Um dia, em um bosque... à beira de um charco... após um melancólico passeio onde seus olhos, os olhos dela, refletiam a doçura do céu e onde meu coração, meu próprio coração, estava crispado como o inferno...

“O quê?”

“Como?”

“O que você quer dizer?”

“Era inevitável, Eu tenho o sentimento de equidade para bater, ultrajar, despedir um servidor irrepreensível. Mas era preciso concordar esse sentimento com o horror que esse ser me inspirava; livrar-me desse ser sem lhe faltar como respeito. Que queriam vocês que eu fizesse com ela, pois ela era perfeita?”

Os três outros companheiros olharam para ele com um olhar vago e ligeiramente estupefato, como fingindo não compreender e como confessando, implicitamente, que eles não se sentiam, quanto a eles, capazes de uma ação tão rigorosa, embora suficientemente explicável.

Em seguida, mandaram vir novas garrafas para matar o tempo, que tem a vida dura, e acelerar a vida, que corre tão lentamente.

O GALANTE ATIRADOR

Ele fez parar a viatura que atravessava o bosque na vizinhança de um estande de tiro ao alvo, dizendo que lhe agradava a idéia de atirar algumas balas para matar o Tempo. Matar essa monstruosidade não é a ocupação mais ordinária e a mais legítima de todos nós? E ofereceu, galantemente, a mão à sua querida, deliciosa e execrável mulher, a essa misteriosa

lher à qual ele devia tanto em prazeres, tanto em dores e, também, talvez, uma grande parte de seu gênio.

Muitas balas bateram longe do alvo proposto; uma delas afundou-se no teto; e, como a charmosa criatura risse loucamente, caçoando da inabilidade do esposo, ele virou-se bruscamente para ela e lhe disse: “Observe aquela boneca, lá, à direita, que tem o nariz arrebitado e as feições tão altivas. Muito bem, meu caro anjo, eu imagino que seja você” E fechou os olhos e puxou o gatilho. A boneca foi, literalmente, decapitada.

Então, inclinando-se sobre sua querida, sua deliciosa, sua execrável mulher, sua inevitável e imperdoável Musa, e beijando-lhe, respeitosamente, a mão, acrescentou: “Ah! meu querido anjo, como lhe agradeço por minha pontaria.”

XLIV

A SOPA E AS NUVENS

Minha pequena louca bem-amada servia-me o jantar enquanto eu, pela janela aberta da sala, contemplava as arquiteturas moventes que Deus faz com os vapores, as maravilhosas construções do impalpável. E eu me dizia através da contemplação:

“Todas estas fantasmagorias são quase tão belas quanto os olhos da minha bela bem-amada, a louquinha monstruosa de olhos verdes.”

Subitamente senti um violento soco nas costas e ouvi uma voz rouca e charmosa, uma voz histérica, como que enrouquecida pela aguardente, a voz de minha bem-amada que dizia:

“Vamos logo, tome sua sopa, seu bobalhão, negociante de nuvens.”

O TIRO E O CEMITÉRIO

À vista do cemitério, Bar, — “Singular letreiro”, disse consigo mesmo nosso caminhante, “mas bem-feito para dar sede! Com certeza o dono deste cabaré sabe apreciar Horácio e os poetas discípulos de Epicuro. Talvez mesmo conheça o profundo refinamento dos antigos egípcios, para quem não havia um bom festim sem esqueletos ou sem qualquer emblema sobre a brevidade da vida.”

E ele entrou, bebeu um copo de cerveja diante dos túmulos e fumou lentamente um charuto. Depois, a fantasia levou-o a descer a esse cemitério, cuja grama era alta e convidativa e onde reinava um tão rico sol.

Efetivamente, a luz e o calor eram terríveis e podia-se dizer que o sol ébrio, deitado, espojava-se sobre o tapete de flores magníficas engordadas pela destruição. Um imenso rumor de vida enchia o ar — a vida dos infinitamente pequenos —, cortado a intervalos regulares pela crepitação dos tiros de um estande vizinho que estalavam como a explosão de rolhas de champanhe no murmúrio de uma sinfonia em surdina.

Então, sob o sol que lhe esquentava o cérebro, e numa atmosfera de ardentes perfumes da Morte, ele ouviu uma voz cochichar sob a sepultura onde ele estava sentado. E essa voz dizia: “Malditos sejam seus alvos e suas carabinas, turbulentos seres vivos que se preocupam tão pouco com os defuntos e seu divino repouso. Malditas sejam suas ambições, malditos seus cálculos, mortais impacientes, que vêm estudar a arte de matar perto do santuário da Morte! Se vocês soubessem como o prêmio é fácil de ganhar, como o alvo é fácil de alcançar e quanto tudo é nada, exceto a Morte, vocês não se cansariam tanto, laboriosos viventes, e incomodariam menos vezes o sono daqueles que, há muito tempo, acertaram o Alvo, o único verdadeiro Alvo da detestável vida.”

A PERDA DA AURÉOLA

“Olá! O senhor por aqui, meu caro? O senhor nestes maus lugares! O senhor bebedor de quintessências e comedor de ambrosia! Na verdade, tenho razão para me surpreender!”

‘Meu caro, você conhece meu terror de cavalos e viaturas. Agora mesmo, quando atravessava a avenida, muito apressado, saltando pelas poças de lama, no meio desse caos móvel, onde a morte chega a galope de todos os lados ao mesmo tempo, minha auréola, em um brusco movimento, escorregou de minha cabeça e caiu na lama do macadame. Não tive coragem de apanhá-la. Julguei menos desagradável perder minhas insígnias do que me arriscar a quebrar uns ossos. E depois, disse para mim mesmo, há males que vêm para o bem. Posso, agora, passear incógnito, cometer ações reprováveis e abandonar-me à crapulagem como um simples mortal, E eis-me aqui, igual a você, como você vê.”

“O senhor deveria, ao menos, colocar um anúncio dessa auréola ou reclamá-la na delegacia caso alguém a achasse.”

“Não! Não quero! Sinto-me bem assim. Você, só você me reconheceu. Além disso a dignidade me entedia. E penso com alegria que algum mau poeta a apanhara e a meterá na cabeça descaradamente. Fazer alguém feliz, que alegria! e sobretudo uma pessoa feliz que me fará rir. Pense em X ou em Z. Hein? Como será engraçado.”

A SENHORITA BISTURI

Quando eu chegava ao fim daquele bairro, sob os clarões do gás, senti um braço que deslizava, docemente, sob o meu e ouvi uma voz que me dizia ao ouvido: “O senhor é médico?”

Olhei: era uma moça alta, robusta, de olhos grandes, ligeiramente pintada, os cabelos esvoaçantes com as bridas de seu gorro.

“Não, não sou médico. Deixe-me ir.” “Oh! Sim, o senhor é médico. Eu o conheço bem. Venha comigo. O senhor ficara satisfeito comigo, vamos. Venha.” “Sem dúvida eu irei vê-la, mais tarde, depois do médico, que diabo!...” “Ah! Ah!”, fez ela, sempre pendurada no meu braço e rindo alto, o senhor é um médico galhofeiro. Conheci muitos do seu tipo.”

Amo, apaixonadamente, o mistério, porque tenho sempre a esperança de elucidá-lo. Deixei-me, então, levar por aquela companhia, ou melhor, por aquele enigma inesperado.

Omito a descrição de um casebre; pode-se achá-la em vários poetas franceses bem conhecidos. Apenas, detalhe não percebido por Régnier, dois ou três retratos de doutores célebres estavam pendurados nas paredes.

Como fui acarinhado! Grande lareira, vinho quente, charutos; e oferecendo-me tais coisas boas e acendendo, ela mesma, um charuto, a cômica criatura me disse: “Faça como se estivesse em casa, relaxe. Isso o lembrará do hospital e do bom tempo de juventude. Ah! Isso. E onde ganhou o senhor cabelos brancos? O senhor não era assim; não faz muito tempo que era interno do L... Lembro-me que era o senhor que o ajudava nas operações mais graves. Era um homem que gostava de cortar, talhar, romper. Era o senhor que lhe passava os instrumentos, os fios, as compressas. E, ao fim da operação ele dizia orgulhosamente, olhando o relógio: ‘Cinco minutos, senhores!’ Oh! Eu vou a todos os lugares. Conheço bem esses senhores.”

Alguns instantes mais tarde, tratando-me com intimidade, ela retornava sua cantilena. “Você é médico, não é, meu gato?”

Esse ininteligível refrão fez-me saltar sobre os calcanhares: “Não!”, gritei furioso.

“Cirurgião, então?”

“Não! Não! A não ser que seja para te cortar a cabeça! S... s... c... de s... m...!”

“Espera”, respondeu ela, “você vai ver.”

E tirou do armário um maço de papéis que não era outra coisa senão uma coleção de retratos de médicos ilustres daquela época, litografados por Maurin, que poderiam ser vistos expostos durante muitos anos no Cais Voltaire, em Paris.

“Aí estão. Você reconhece esse aqui?”

“Sim, é o X, o nome está embaixo, mas eu o conheci pessoalmente.”

“Eu bem sabia! Veja! Eis o Z, o que dizia em seu curso falando de X: ‘Este monstro que traz no próprio rosto o negrume de sua alma. Tudo isso só porque o outro não estivesse de acordo com ele em certo caso. Como a gente ria disso na escola, naquele tempo! Lembras? Olha, aqui está K, esse que denunciou ao governo os insurgentes a quem tratava no seu hospital. Era tempo das rebeliões. Como é possível que um tão belo homem tenha um coração tão pequeno? Veja agora W, um famoso médico inglês, eu o agarrei em sua viagem a Paris. Tinha o ar de uma mocinha, não é?”

E como eu tocasse num pacote amarrado com barbante, colocado, também, sobre uma mesinha: “Espera um pouco.” Disse ela, “esses aqui são os internos e o pacote ali são os externos.”

E ela abriu, espalhando sobre a mesa uma massa de imagens fotográficas representando fisionomias bem mais jovens.

“Quando nos revermos me darás teu retrato, não é, querido?”

“Mas,” disse-lhe eu, seguindo também minha idéia fixa, “por que me crês médico?”

“É que és tão gentil e tão bom para as mulheres.”

“Lógica singular”, disse eu para mim mesmo.

“Oh! Eu não me engano nunca. Conheci um bom número. Amo tanto esses senhores que, se bem que eu não esteja doente, vou algumas vezes vê-los, somente para vê-los. Alguns me dizem friamente: ‘Você não está doente.’ Mas há outros que me compreendem porque lhes faço gracinhas.

“E quando eles não te compreendem...?”

“Ora essa! Como eu os ocupei inutilmente, deixo-lhes uma nota de 10 francos sobre a lareira. São tão bons e tão doces estes homens. Descobri na Santa Casa um pequeno interno que é belo como um anho, e bem-educado. E como trabalha o pobre menino! Seus colegas disseram-me que ele não tem um tostão, porque seus pais são pobres e nada lhe podem dar. Isso me deu confiança. Além disso eu sou uma bela mulher ainda, conquanto não muito jovem. Eu lhe disse: “Vem me ver, vem me ver frequentemente. E comigo não te constanjas. Não preciso de dinheiro.” Mas tu compreendes que eu lhe fiz entender isso por várias maneiras, não falei tudo cruamente; tinha um enorme medo de humilhar esse querido menino! Bem crerias tu que eu tenha um engraçado desejo que não ouse dizer a ele? Gostaria que ele viesse me ver com sua maleta e seu avental, mesmo um pouco sujo de sangue.”

E ela disse isso com ar de grande candura, como um homem sensível diria a uma atriz que ele amasse: “Quero vê-la vestida com a roupa que você usava no famoso papel que você criou.”

E, obstinadamente, continuei: “Podes lembrar da época e da ocasião quando nasceu em ti essa paixão tão especial?”

Difícilmente me fiz compreender; enfim consegui. Mas então, ela me respondeu com um ar muito triste e mesmo tanto quando me lembre, desviando os olhos: “Eu não sei... não me lembro...”

Que bizarrices não se encontram em uma grande cidade quando se sabe passear e olhar? A vida é cheia de monstros inocentes. Senhor meu Deus! Vós, o Criador, vós, o Mestre, vós que fizestes a Lei e a Liberdade; vós o soberano que deixais fazer, vós o juiz que perdoais, vós que sois plenos de motivos e de causas e que talvez tenhais posto em meu espírito o gosto pelo horror para converter meu coração como a cura na ponta de um bisturi, Senhor, tende piedade, tentede piedade dos loucos e das loucas. Ó Criador! Podem existir monstros aos olhos Daquele que é o único que sabe por que eles existem, como eles existem e se fizeram e como eles poderiam não ter sido feitos?

ANY WHERE OUT OF THE WORLD

(Em qualquer lugar fora do mundo)

Esta vida é um hospital onde cada doente está possuído pelo desejo de mudar de leito. Este gostaria de sofrer em frente a um aparelho de calefação, aquele outro crê que se curaria em frente à uma janela.

Parece-me que estarei sempre bem lá onde não estou, e essa questão de mudança é um assunto que discuto sem cessar com minha alma.

“Diga-me, minha alma, pobre alma resfriada, que pensarias de morar em Lisboa? Lá deve fazer calor e tu te regozijarias como um lagarto. Essa cidade fica à beira-mar, diz-se que foi construída com mármore e que o povo tem um tal ódio por vegetais que arranca todas as árvores. Eis uma paisagem segundo teu gosto; uma paisagem com a luz e o mineral, e o líquido para refleti-los!”

Minha alma não responde.

“Posto que amas tanto o repouso com o espetáculo do movimento, queres vir habitar na Holanda, essa terra beatificante? Talvez se divertirás nesse lugar cujas imagens freqüentemente admiraste nos museus. Que pensarias tu de Rotterdam, tu que amas as florestas de mastros e de navios amarrados ao pé das casas?”

Minha alma permanece muda.

“Batávia sorriria, talvez mais para ti. Nós encontraríamos lá, então, o espírito da Europa casado com a beleza tropical.”

Nenhuma palavra. Estaria morta a minha alma?

“Chegaste a este ponto de entorpecimento que não te alegras senão com teu próprio mal. Se é assim, fujamos, então, para os países que são as analogias da morte. Já sei o que devemos fazer, pobre alma! Nós faremos nossas malas para Tornéo. Iremos mais longe ainda, ao extremo fim do Báltico, ainda mais longe da vida, se é possível; nos instalaremos no pólo. Lá o sol não roça senão obliquamente a terra, e as lentes alternativas da luz e da noite suprimem a variedade e aumentam a monotonia, essa metade do nada. Lá nós poderemos tomar longos banhos de trevas, enquanto que para nos divertir as auroras boreais nos enviarão, de vez em quando, seus fachos róseos, como reflexos de fogos de artifício do inferno!”

Enfim minha alma explodiu e sabiamente gritou para mim:

“Não importa onde! Não importa onde! desde que seja fora desse mundo!”

ESPANQUEMOS OS POBRES!

Durante quinze dias confinei-me em meu quarto e me cerquei de livros que estavam na moda naqueles tempos (há dezesseis ou dezessete anos); quero falar de livros em que se trata da arte de tornar os povos felizes, sábios e ricos em vinte e quatro horas. Tinha eu digerido – engolido, quero dizer – todas as elucubrações de todos os empresários da felicidade pública – dos que aconselham a todos os pobres a se fazerem escravos e dos que persuadiam que eles são reis destronados. Ninguém acharia surpreendente que eu entrasse então em um estado de espírito vizinho da vertigem ou da estupidez.

Pareceu-me, somente, que eu sentisse, confinado, no fundo do meu intelecto, o germe obscuro de uma idéia superior a todas as fórmulas de curandeiras que eu, recentemente, vira, folheando no dicionário. Mas isso só era a idéia de uma idéia, algo de infinitamente vago.

E saí com uma grande sede. Porque o gosto apaixonado por más leituras engendra uma necessidade proporcional de grandes ares e de muitas bebidas refrescantes.

Quando ia entrar num bar, um mendigo estendeu-me o chapéu com um desses inesquecíveis olhares que derrubariam tronos, se é que o espírito removesse a matéria e se o olho de um hipnotizador fizesse as uvas amadurecerem.

Ouvi, ao mesmo tempo, uma voz que me cochichava ao ouvido, uma voz que eu me reconheci bem; era a voz de um bom Anjo ou um bom Demônio, que me acompanha por todos os lugares. Se Sócrates tinha seu bom Demônio, por que eu não havia de ter o meu bom Anjo, e por que não teria eu a honra, como Sócrates, de obter um brevê de loucura, assinado pelo sutil Lélut e pelo bem informado Baillarger?

Existe essa diferença entre o Demônio de Sócrates e o meu, pois o de Sócrates só se manifestava a ele para proibir, advertir, impedir, e que o meu dignava-se a aconselhar, sugerir, persuadir; o meu é um grande afirmador, o meu é um Demônio de ação, um Demônio de combate.

Ora, sua voz cochichava isso: “Quem for igual ao outro que o prove e só é digno de liberdade quem a sabe conquistar.”

Imediatamente saltei sobre meu mendigo. Com um único soco fechei-lhe um olho, que, em um segundo, tornou-se inchado como uma bola. Quebrei uma unha ao partir-lhe dois dentes, e como eu não me sentisse bastante forte, tendo nascido de compleição delicada e tivesse pouca prática de boxe, para desancar aquele velho, peguei-o com uma das mãos pela gola de seu casaco e com a outra lhe agarrei a garganta e me pus a sacudi-lo, vigorosamente, cabeça contra a parede. Devo confessar que já havia previamente inspecionado os arredores com uma olhada e havia verificado que naquele subúrbio deserto eu me achava, por algum tempo, fora do alcance de qualquer policial.

Tendo, em seguida, com um pontapé, dado em suas costas, bastante enérgico para lhe quebrar as omoplatas, botei por terra aquele sexagenário enfraquecido; peguei, então, um grosso galho de árvore, que estava jogado no chão, e bati nele com a energia obstinada dos cozinheiros que querem amolecer um bife.

De repente – ó milagre! Ó alegria do filósofo que verifica a excelência de sua teoria – vi esta antiga carcaça se virar, se levantar com uma energia que eu jamais suspeitaria que houvesse numa máquina de tal modo danificada, e, com um olhar de raiva que me pareceu de bom augúrio, o malandro decrépito jogou-se sobre mim, socou-me os dois olhos, quebrou-me quatro dentes e, com o mesmo galho de árvore, bateu-me fortemente. Pela minha enérgica medicação, eu lhe havia restituído o orgulho e a vida.

Então, eu lhe fiz sinais enérgicos para que compreendesse que eu considerava nossa discussão terminada e, levantando-me com a satisfação de um sofista de Pórtico, lhe disse: “Meu senhor, o senhor é meu igual! Queira dar-me a honra de aceitar que eu divida minha bolsa consigo, e lembre-se: se você é realmente filantropo, que é preciso aplicar, em todos os seus confrades, quando eles lhe pedirem esmolas, a mesma teoria que eu tive o sofrimento de experimentar sobre suas costas.”

Ele me jurou que havia compreendido a minha teoria e que obedeceria aos meus conselhos.

L.

LES BONS CHIENS

À M. Joseph Stevens.

Je n'ai jamais rougi, même devant les jeunes écrivains de
mon siècle, de mon admiration pour Buffon ; mais aujourd'hui
ce n'est pas l'âme de ce peintre de la nature pompeuse que
j'appellerai à mon aide. Non.

Bien plus volontiers je m'adresserais à Sterne, et je lui dirais
: « Descends du ciel, ou monte vers moi des champs Élyséens,
pour m'inspirer en faveur des bons chiens, des pauvres
chiens, un chant digne de toi, sentimental farceur, farceur incomparable
! Reviens à califourchon sur ce fameux âne qui
t'accompagne toujours dans la mémoire de la postérité ; et surtout
que cet âne n'oublie pas de porter, délicatement suspendu
entre ses lèvres, son immortel macaron ! »

Arrière la muse académique ! Je n'ai que faire de cette
vieille bégueule. J'invoque la muse familière, la citadine, la vivante,
pour qu'elle m'aide à chanter les bons chiens, les pauvres
chiens, les chiens crottés, ceux-là que chacun écarte, comme
pestiférés et pouilleux, excepté le pauvre dont ils sont les associés,
et le poète qui les regarde d'un oeil fraternel.

Fi du chien bellâtre, de ce fat quadrupède, danois, kingcharles,
carlin ou gredin, si enchanté de lui-même qu'il s'élance
indiscrètement dans les jambes ou sur les genoux du visiteur,
comme s'il était sûr de plaire, turbulent comme un enfant, sot

comme une lorette, quelquefois hargneux et insolent comme un domestique ! Fi surtout de ces serpents à quatre pattes, frissonnants et désœuvrés, qu'on nomme levrettes, et qui ne logent même pas dans leur museau pointu assez de flair pour suivre la piste d'un ami, ni dans leur tête aplatie assez d'intelligence pour jouer au domino !

À la niche, tous ces fatigants parasites !

Qu'ils retournent à leur niche soyeuse et capitonnée ! Je chante le chien crotté, le chien pauvre, le chien sans domicile, le chien flâneur, le chien saltimbanque, le chien dont l'instinct, comme celui du pauvre, du bohémien et de l'histrion, est merveilleusement aiguillonné par la nécessité, cette si bonne mère, cette vraie patronne des intelligences !

Je chante les chiens calamiteux, soit ceux qui errent, solitaires, dans les ravines sinueuses des immenses villes, soit ceux qui ont dit à l'homme abandonné, avec des yeux clignotants et spirituels « Prends-moi avec toi, et de nos deux misères nous ferons peut-être une espèce de bonheur ! »

« Où vont les chiens ? » disait autrefois Nestor Roqueplan dans un immortel feuilleton qu'il a sans doute oublié, et dont moi seul, et Sainte-Beuve peut-être, nous nous souvenons encore aujourd'hui.

Où vont les chiens, dites-vous, hommes peu attentifs ? Ils vont à leurs affaires.

Rendez-vous d'affaires, rendez-vous d'amour. À travers la brume, à travers la neige, à travers la crotte, sous la canicule mordante, sous la pluie ruisselante, ils vont, ils viennent, ils

trottent, ils passent sous les voitures, excités par les puces, la passion, le besoin ou le devoir. Comme nous, ils se sont levés de bon matin, et ils cherchent leur vie ou courent à leurs plaisirs.

Il y en a qui couchent dans une ruine de la banlieue et qui viennent, chaque jour, à heure fixe, réclamer la sportule à la porte d'une cuisine du Palais-Royal ; d'autres qui accourent, par

– 124 –

troupes, de plus de cinq lieues, pour partager le repas que leur a préparé la charité de certaines pucelles sexagénaires, dont le coeur inoccupé s'est donné aux bêtes, parce que les hommes imbéciles n'en veulent plus.

D'autres qui, comme des nègres marrons, affolés d'amour, quittent, à de certains jours, leur département pour venir à la ville, gambader pendant une heure autour d'une belle chienne, un peu négligée dans sa toilette, mais fière et reconnaissante. Et ils sont tous très exacts, sans carnets, sans notes et sans portefeuilles.

Connaissez-vous la paresseuse Belgique, et avez-vous admiré comme moi tous ces chiens vigoureux attelés à la charrette du boucher, de la laitière ou du boulanger, et qui témoignent, par leurs aboiements triomphants, du plaisir orgueilleux qu'ils éprouvent à rivaliser avec les chevaux ?

En voici deux qui appartiennent à un ordre encore plus civilisé ! Permettez-moi de vous introduire dans la chambre du saltimbanque absent. Un lit, en bois peint, sans rideaux, des couvertures traînantes et souillées de punaises, deux chaises de paille, un poêle de fonte, un ou deux instruments de musique

détraqués. Oh ! le triste mobilier ! Mais regardez, je vous prie, ces deux personnages intelligents, habillés de vêtements à la fois éraillés et somptueux, coiffés comme des troubadours ou des militaires, qui surveillent, avec une attention de sorciers, l'oeuvre sans nom qui mitonne sur le poêle allumé, et au centre de laquelle une longue cuiller se dresse, plantée comme un de ces mâts aériens qui annoncent que la maçonnerie est achevée. N'est-il pas juste que de si zélés comédiens ne se mettent pas en route sans avoir lesté leur estomac d'une soupe puissante et solide ? Et ne pardonneriez-vous pas un peu de sensualité à ces pauvres diables qui ont à affronter tout le jour l'indifférence du public et les injustices d'un directeur qui se fait la grosse part et mange à lui seul plus de soupe que quatre comédiens ? Que de fois j'ai contemplé, souriant et attendri, tous ces philosophes à quatre pattes, esclaves complaisants, soumis ou dévoués, que le dictionnaire républicain pourrait aussi bien qualifier d'officieux, si la république, trop occupée du bonheur des hommes, avait le temps de ménager l'honneur des chiens ! Et que de fois j'ai pensé qu'il y avait peut-être quelque part (qui sait, après tout ?), pour récompenser tant de courage, tant de patience et de labeur, un paradis spécial pour les bons chiens, les pauvres chiens, les chiens crottés et désolés. Swedenborg affirme bien qu'il y en a un pour les Turcs et un pour les Hollandais !

Les bergers de Virgile et de Théocrite attendaient, pour prix de leurs chants alternés, un bon fromage, une flûte du meilleur faiseur, ou une chèvre aux mamelles gonflées. Le poète qui

a chanté les pauvres chiens a reçu pour récompense un beau gilet, d'une couleur, à la fois riche et fanée, qui fait penser aux soleils d'automne, à la beauté des femmes mûres et aux étés de la Saint-Martin.

Aucun de ceux qui étaient présents dans la taverne de la rue Villa-Hermosa n'oubliera avec quelle pétulance le peintre s'est dépouillé de son gilet en faveur du poète, tant il a bien compris qu'il était bon et honnête de chanter les pauvres chiens.

Tel un magnifique tyran italien, du bon temps, offrait au divin Arétin soit une dague enrichie de pierreries, soit un manteau de cour, en échange d'un précieux sonnet ou d'un curieux poème satirique.

Et toutes les fois que le poète endosse le gilet du peintre, il est contraint de penser aux bons chiens, aux chiens philosophes,

– 126 –

aux étés de la Saint-Martin et à la beauté des femmes très mûres.

ÉPILOGUE

Le coeur content, je suis monté sur la montagne
D'où l'on peut contempler la ville en son ampleur,
Hôpital, lupanars, purgatoire, enfer, bagné,
Où toute énormité fleurit comme une fleur.
Tu sais bien, ô Satan, patron de ma détresse,
Que je n'allais pas là pour répandre un vain pleur ;
Mais comme un vieux paillard d'une vieille maîtresse,
Je voulais m'enivrer de l'énorme catin
Dont le charme infernal me rajeunit sans cesse.
Que tu dormes encor dans les draps du matin,
Lourde, obscure, enrhumée, ou que tu te pavanés
Dans les voiles du soir passementés d'or fin,
Je t'aime, ô capitale infâme ! Courtisanes
Et bandits, tels souvent vous offrez des plaisirs
Que ne comprennent pas les vulgaires profanes.

Compilação realizada por Luís Garcia. Encontre mais Ebooks gratuitos em <http://pensamentosnomadas.wordpress.com>.

Textos em português recolhidos no site: <http://pequenospoemasemprosa.blogspot.fr/>